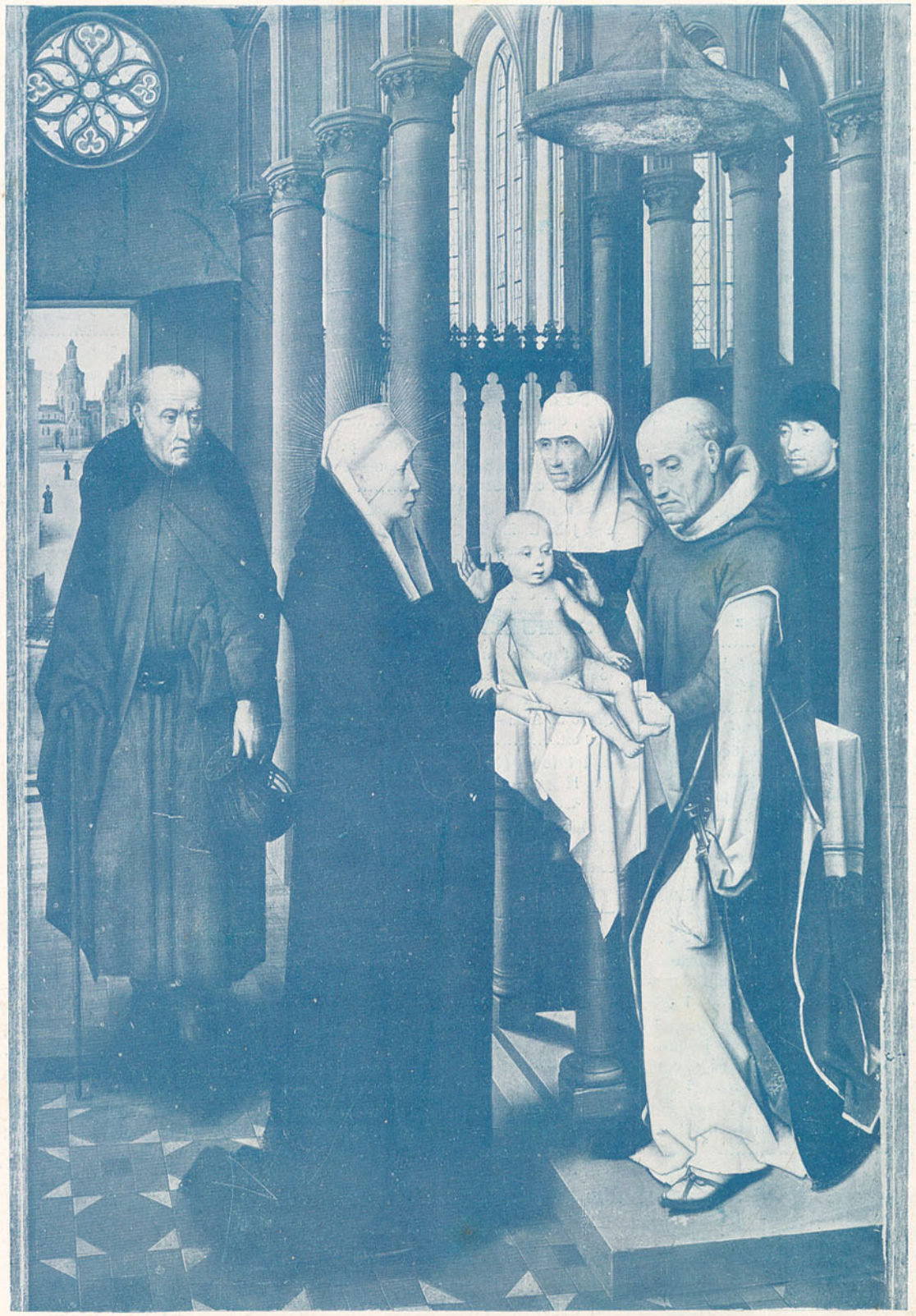
ILUSTRAÇÃO



A APRESENTAÇÃO — Por Hans Memling (Museu do Prado - Madrid)

16-DEZEMBRO-1939 N.º 336 — 14.º ANO PREÇO-5 escudos

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVROS DE CONSULTA E INSTRUÇÃO

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

Álgebra Elementar, pelo prof. Guilherme Ivens Ferraz – 1 vol. de 296 págs.. 13$00

Aritmética Prática, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 384 págs. ..... 13$00

Desenho Linear Geométrico, pelo prof. Cunha Rosa — 1 vol. de 192 págs., com 292 grav. ..... 12$00

Elementos de História da Arte, pelo prof. João Ribeiro Cristino da Silva — 1 vol. de 709 págs., com 641 grav. ..... 25$00

Elementos de Mecânica, pelo prof. Eugénio Estanislau de Barros — 1 vol. de 230 págs., com 141 grav. ..... 12$00

Elementos de Metalurgia, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 424 pág., com 121 grav. ..... 20$00

Elementos de Modelação de ornato e figura, pelo prof. Josef Füller — 1 vol. de 150 págs., com 69 grav. e 30 est. 12$00

Elementos de Projecções, por João António Piloto — 1 vol. de 405 págs., com 351 grav. ..... 18$00

Elementos de Química, organizado pela Direcção da Biblioteca de Instrução Profissional – 1 vol. de 330 págs., com 73 grav. 15$00

Escrituração Comercial e Industrial, pelo prof. Severiano Ivens Ferraz — 1 vol. de 188 págs., ... 12$00

Física Elementar, pelo prof. Mário Valdez Bandeira — 1 vol. de 304 págs., com 241 grav. ..... 15$00

Geometria Plana e no Espaço, pelo prof. A. Cunha Rosa — 1 vol. de 290 págs. com 273 grav..... 15$00

O Livro de Pòrtuguês, pelo prof. António Baião — 1 vol. de 220 págs. .... 12$00

MECÂNICA

Desenho de Máquinas, pelo prof. Tomaz Bordallo Pinheiro — 1 vol. de 336 págs., 283 fig. e 91 est..... 30$00

Material Agrícola, por H. Francem da Silveira — 1 vol. de 270 págs., com 208 gravuras..... 15$00

Nomenclatura de Caldeiras e Máquinas de Vapor, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos — 1 vol. de 280 págs., com 423 grav..... 15$00

Problemas de Máquinas, pelo eng. António Joaquim de Lima e Santos – 1 vol. de 400 pág., com 170 grav..... 18$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos das construções, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 356 págs., com 168 grav... 17$00

Alvenaria e Cantaria, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — No prelo.

Cimento Armado, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 684 págs., com 356 grav..... 28$00

Edificações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 260 págs., com 221 grav. ..... 17$00

Encanamentos e salubridade das habitações, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 300 págs., com 157 gravuras ..... 15$00

Materiais de Construção, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 564 págs., com 300 grav..... 30$00

Terraplenagens e Alicerces, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado — 1 vol. de 230 pág., com 230 grav. ..... 15$00

Trabalhos de Carpintaria Civil, pelo eng. João Emílio dos Santos Segurado – 1 vol. de 418 pág., com 464 grav. ..... 20$00

Trabalhos de Serralharia Civil, pelo eng. J. E. dos Santos Segurado — No prelo.

MANUAIS DE OFÍCIOS

Condutor de Automóveis, pelo eng. António Augusto Mendonça Taveira – No prelo.

Condutor de Máquinas, pelo eng. Carlos Pedro da Silva – 1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 est. ..... 25$00

Electricista (Novo Manual do), pelo eng. Hugo Pinto de Morais Sarmento – 1 vol. com 436 págs. e 246 grav..... 25$00

Fabricante de Tecidos, pelo eng. José Maria de Campos Melo – 1 vol. de 608 págs., com 342 grav. ..... 25$00

Ferreiro, pelo eng. Carlos Pedro da Silva — 1 vol. de 238 págs., com 155 grav. e 34 estampas..... 15$00

Fogueiro, pelos engs. António Mendes Barata e Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 384 págs., com 318 grav..... 18$00

Formador e Estucador, pelo prof. Josef Füller — 1 vol. de 196 págs., com 66 gravuras.. ..... 12$00

Fotógrafo, por Antero Dâmaso das Neves — 1 vol. de 204 págs., com 31 grav.... 12$00

Fundidor, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol. de 232 págs., com 146 grav. 15$00

Galvanoplastia, por André Brochet, tradução de Manuel Véres — 1 vol. de 400 págs., com 148 grav..... 18$00

Marceneiro, por José Pedro dos Reis Colares — 1 vol. de 378 págs., com 299 grav. e 97 estampas..... 20$00

Motores de Explosão, (Combustão interna) pelo eng. António Mendes Barata — 1 vol. de 516 págs., com 409 grav..... 30$00

Navegante, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 308 págs., com 139 gravuras..... 15$00

Pilotagem, pelo almirante Guilherme Ivens Ferraz — 1 vol. de 360 págs., com 119 gravuras..... 17$00

Serralharia Mecânica, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 412 págs, com 395 grav ..... 20$00

Topografia e Agrimensura, pelo coronel Guedes Vaz e tenente-coronel Mousinho de Albuquerque — 1 vol. de 442 págs., com 282 grav. ..... 22$00

Torneiro e Frezador Mecânicos, pelo eng. João Sequeira de Castro — 1 vol. de 307 págs., com 372 grav ..... 17$00

Vocabulário de Termos Técnicos, pelo eng.-maquinista Raúl Boaventura Real — 1 vol. de 558 págs ..... 30$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

Indústria Alimentar, por Pedro Prostes — 1 vol. de 180 págs., com 76 grav. 14$00

Indústrias de Fermentação, por Henrique Francem da Silveira — 1 vol de 180 págs., com 72 grav..... 14$00

Indústria de Sabões e Sabonetes, por António Rio de Janeiro — 1 vol. de 100 págs., com 25 grav. ..... 10$00

Indústria do vidro, pelo prof. José Maria de Campos Melo — 1 vol. de 212 págs., com 111 grav ..... 15$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

Construção Naval, IV volume (Construção dos navios de ferro) pelos engs. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 148 pág., com 188 grav, formato 16×22..... 12$00

Construção Naval, V vol. (Armamento e acessórios dos navios de ferro), pelos eng. Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas — 1 vol. de 130 pág., com 138 grav., formato 16×22..... 12$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND-Rua Garrett, 73-75-LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Director: ARTHUR BRANDÃO
Editor: José Júlio da Fonseca
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa
Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O MAIOR SORTIMENTO DE
LIVROS DE MEDICINA
A maior variedade tanto nacionais como estrangeiros
Livraria Bertrand — (A mais antiga do País)
Rua Garrett, 73 — LISBOA
Fazem-se remessas à cobrança para todos os pontos do País

GRAVADORES IMPRESSORES
Bertrand, Irmãos, L.da
Telefone 2 1368
Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

GOTOSOS E REUMATICOS
Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o
ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra
a **GÔTA, a SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos
e todas as dôres de origem arthritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.
À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

TEATRO
DE
JÚLIO DANTAS
OBRAS COMPLETAS
5 volumes encadernados em percalina
Esc. 100$00
Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O melhor método para aprender a ler
JOÃO DE DEUS

CARTILHA MATERNAL 1.ª e 2.ª parte, cada	2$00
Album da Cartilha Maternal, enc.	90$00
Guia da Cartilha Maternal, 1 fol.	2$00

A Cartilha Maternal de João de Deus
é o melhor método de leitura de consagração nacional adoptado pela maioria do professorado primário
Fazem-se remessas à cobrança para todos os pontos do país
Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

PAULINO FERREIRA
:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::
AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE
CASA FUNDADA EM 1874
Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa
TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo
Orçamentos Grátis
Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA
Telefone 2 2074

Acaba de aparecer

Um verdadeiro mimo literário para um gentil presente de Natal

POESIAS COMPLETAS

DE **ANTÓNIO FEIJÓ**

1 volume ilustrado de 486 páginas, brochado ..... **15$00**
Pelo correio à cobrança **16$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Almanaque Bertrand

para **1940**

41.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Descrição e mapas, a côres, do

IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 395 gravuras, algumas a côres, cartonado 10$00. Encadernado luxuosamente 18$00

Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À venda a 10.ª edição de

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

PELO **DR. ANTERO DE FIGUEIREDO**

Obra admirável de emoção e beleza literária

1 vol. de 378 páginas, com uma capa artística a côres e oiro, de ALBERTO DE SOUSA, **Esc. 12$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 14$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVROS DE ESTUDO

para o ensino infantil
primário, secundário, superior e técnico

Livros de Medicina

Nacionais e estrangeiros

Livros de Direito

Livros comerciais e industriais

Dicionários portugueses

de Cândido de Figueiredo,
Biblioteca do Povo e outros e de tôdas as línguas

TODOS OS LIVROS DE ENSINO

para os liceus, escolas infantis primárias, secundárias, superiores, tecnicas e comerciais e todos os

LIVROS DE LITERATURA

de todos os editores, tanto nacionais como estrangeiros

Remetem-se à cobrança para todos os pontos do País

e encontram-se à venda na

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

PARA OS LICEUS

Obras da Prof.ª DR.ª SEOMARA DA COSTA PRIMO aprovadas pelo Ministério de Educação Nacional.

Compêndio de Botânica, para o IV, V e VI anos, com 218 figuras e 3 est. a côres ... **Esc. 18$00**

Compêndio de Biologia, para o 3.º ciclo dos liceus, com 112 figuras, 8 fotogravuras e 2 est. a côres ..... **Esc. 18$00**

Compêndio de Zoologia, para o IV, V e VI anos, 336 págs. com 218 figuras, 8 fotogravuras e 3 est. a côres..... **Esc. 20$00**

O melhor livro de puericultura, de harmonia com o programa oficial é

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

PELO **DR. SAMUEL MAIA**

Edição primorosa, com muitas gravuras

1 vol. de 368 págs., broc. ..... **Esc. 15$00**

Pedidos a **Livraria Bertrand** — Rua Garrett, 73 — **Lisboa — que faz REMESSAS À COBRANÇA para todos os pontos do País de todos os LIVROS DE ESTUDOS PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS, TÉCNICOS, DE MEDICINA, DIREITO,** etc.

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

16-DEZEMBRO-1939
N.º 336 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30—LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

A "ILUSTRAÇÃO" E A GUERRA

A razão da suspensão temporária da nossa revista

A guerra prossegue com o seu vasto cortejo de horrores.

A Rússia soviética, depois de ter incitado a Alemanha nazista, empreende, por sua vez, a sua jornada de conquistadora.

Após haver tirado os maiores proveitos da Polónia martirizada, abalançou-se à anexação da Finlândia, tudo levando a crer que o seu plano de ambições envolve também a Suécia, a Dinamarca, a Noruega, a Roménia e possìvelmente a Turquia.

Estaline arvora-se grotescamente em Pedro, o Grande, com pruridos de Gengis Khan.

Duas semanas antes da agressão alemã à Polónia, Estaline discursou em Moscovo, dizendo à sua gente que «a solução da paz ou da guerra dependeria da posição que a Rússia tomasse».

Que fez então? Procurou o caminho que mais poderia convir aos seus manejos.

«Se concluíssemos — ponderava êle — um tratado de aliança com a França e a Inglaterra, a Alemanha ver-se-ia forçada a recuar em frente da Polónia, e a procurar um «modus vivendi» com as potências ocidentais. Por esta forma poderia evitar-se a guerra, mas a evolução ulterior dêste estado de coisas assumiria um carácter perigoso para nós.»

E então o ditador vermelho salientava: «Se aceitarmos a proposta de um pacto de não agressão que a Alemanha nos faz, teremos a Polónia atacada, dando-se inevitàvelmente a intervenção da França e da Inglaterra».

Em resumo, segundo as próprias palavras de Estaline, o seu objectivo foi o de que a Alemanha fizesse a guerra durante o maior espaço de tempo possível, a fim de fatigar a França e a Inglaterra a tal ponto que nada pudessem tentar contra os seus inimigos.

Se a Alemanha vencesse, sairia da guerra, num tal esgotamento que não poderia envolver-se num conflito armado contra a Rússia, pelo menos durante a primeira década.

Na França vencida dar-se-ia a revolução comunista, e, nessa altura, Estaline prestaria auxílios de tôda a espécie.

Era êste o plano do ditador vermelho.

Felizmente, a bem da civilização, êsse monstruoso plano falhou.

Mas, enquanto não chegar a desejada paz, o mundo tem de sofrer os horrores desta pavorosa anormalidade.

*

* *

Em face das mil e uma dificuldades criadas pela guerra, a *Ilustração* vê-se forçada a suspender temporàriamente a sua publicação.

Nesta emergência patenteia a todos os seus colaboradores, assinantes e anunciantes o seu mais profundo reconhecimento pelo valioso auxílio que sempre lhe prestaram.

Relembraremos que, ao iniciar a sua publicação em Janeiro de 1926, a *Ilustração* declarou «surgir sem receio de competições, que, de resto, seriam para desejar neste campo que urge desbravar a poder de persistência, bom gôsto e mercê da coadjuvação de múltiplos elementos».

Cumpriu sempre o seu programa sem desfalecimentos nem hesitações.

Mas a situação criada pela guerra que está flagelando o Mundo tornou impossível a existência desta revista, única no género, e que há 14 anos vinha focando, literária e gràficamente, não só os acontecimentos nacionais, mas os estrangeiros.

No entanto, a *Ilustração* não morre. Limita-se a suspender temporàriamente a sua publicação até que os horizontes europeus se desanuviem e se entre naquela quadra de calma que sempre sucede às grandes convulsões.

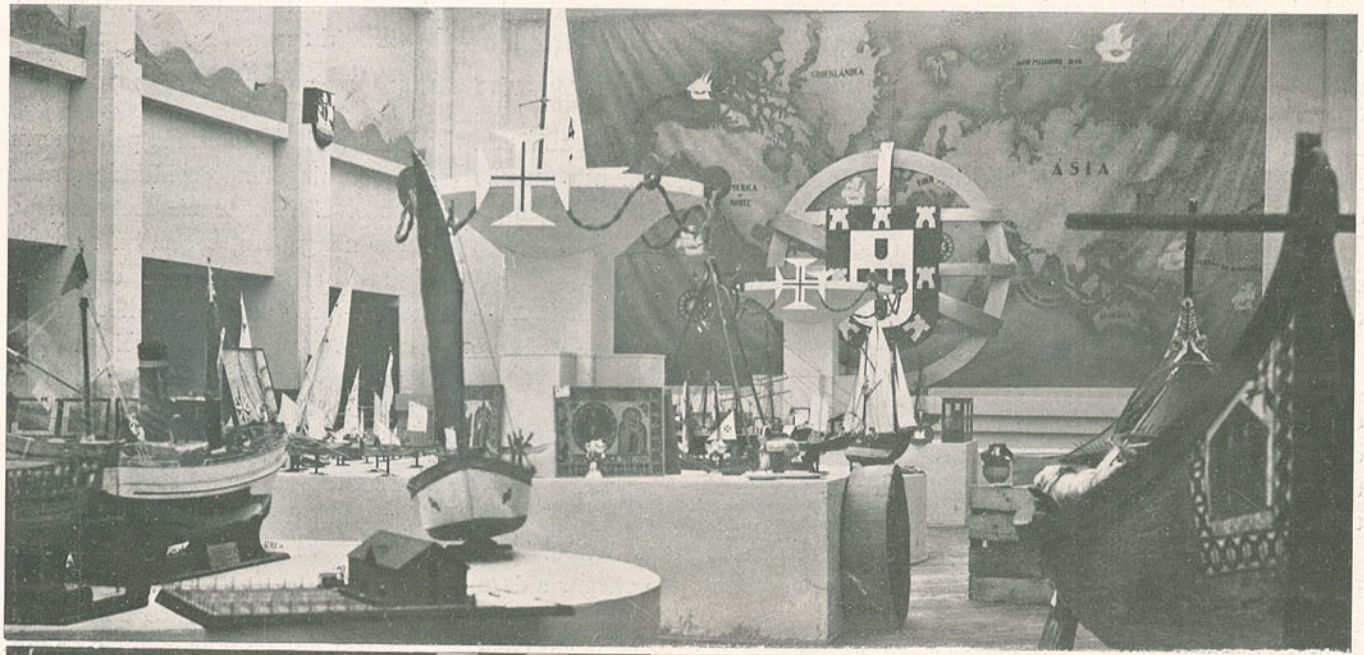
O plano maquiavélico de Estaline falhou. Confiamos plenamente na vitória dos aliados que afogará de vez as arremetidas do urso soviético, porque, no fim de contas, foi a Rússia que desencadeou a guerra sôbre o mundo.

À tormenta sucederá a bonança. Nessa altura é que a *Ilustração* reaparecerá a prosseguir na sua obra, e, como há catorze anos, sem receio de competições.

A todos, pois, que dignaram coadjuvá-la com o seu auxílio, a *Ilustração* reitera o seu indelével reconhecimento.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

O sr. Presidente da República impondo a Maeterlinck as insignias do grande oficialato da ordem de Santiago da Espada. — *A' direita:* Inauguração da Exposição Marítima do Norte de Portugal — *Ao centro:* Um aspecto da Exposição



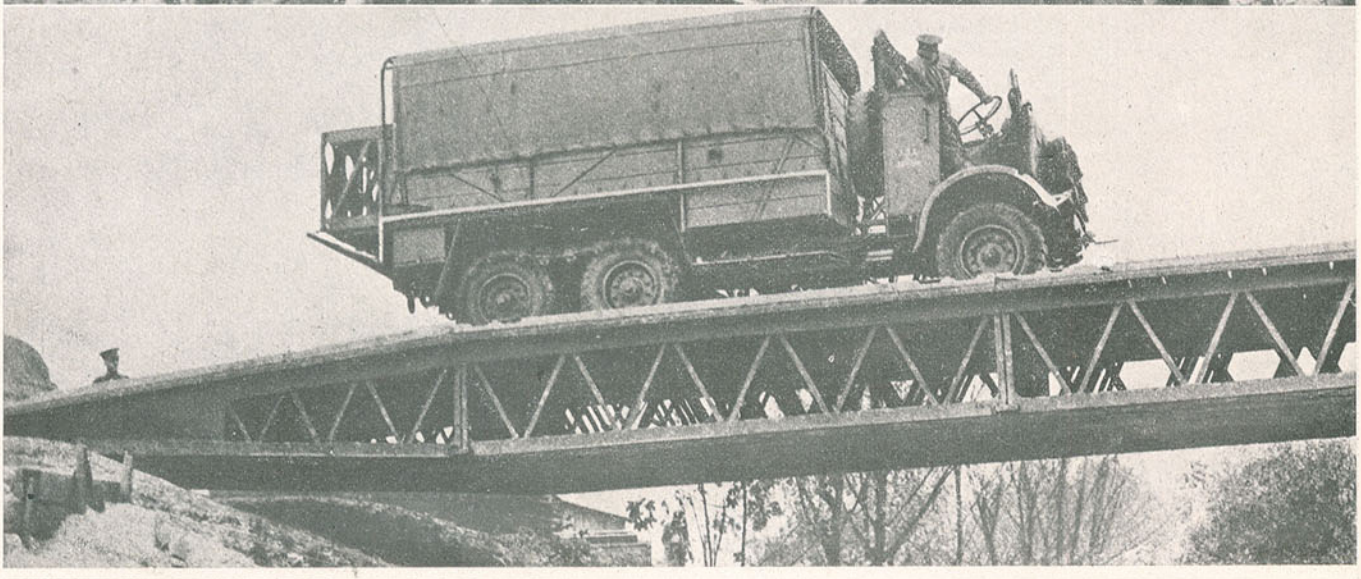
O sr. Presidente da República com o sr. ministro da Educação Nacional e outras entidades, visitando a Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes — *A' direita:* O sr. Cardial Patriarca presidindo à sessão inaugural do novo ano de trabalhos na Juventude Universitária Católica

ACTUALIDADES DA QUINZENA

O Chefe do Estado tendo à sua direita o sr. Presidente do Conselho e à sua esquerda o sr. coronel Deneys Reitz ministro dos Negócios Estrangeiros da União Sul Africana, e outras entidades oficiais no Palácio de Belém. — O Chefe do Estado com o ilustre visitante coronel Reitz. — *A' direita:* O sr. Deneys Reitz com o sr. ministro das Colónias e outras entidades oficiais após a sua chegada à estação do Rossio. — O Chefe do Estado presidindo à sessão comemorativa do 6.º aniversário da fundação da União dos Inválidos da Guerra. — *Em baixo:* A Comissão dos Padrões da Grande Guerra na sua reünião anual

ASPECTOS DA GUERRA

Escoceses construindo trincheiras na frente de batalha. — *Á direita:* Engenhoso meio de propaganda usada pelos alemães, por meio de globos contendo prospectos em francês. — *Ao centro:* Sapadores ingleses construindo uma ponte. — *Em baixo:* Uma travessia perigosa



A VIDA PELO AMOR

do poeta Jessé de Almeida

Lá de longe, dêsse adorável Brasil, chegou até nós um cântico que nos prendeu num dôce enebriamento — *A Vida pelo Amor* do poeta Jessé de Almeida.

Ora, terno, evocativo e suave, enleia-nos o coração, fazendo-nos crêr numa vida de afectos que se torna cada vez mais rara nos tempos que vão correndo; ora, impetuoso e patriótico, arrebata-nos ao cimo das mais gloriosas tradições nacionais, insuflando alento às almas fracas e vacilantes.

O poeta Jessé de Almeida é da têmpera daquêle nosso compatriota que, ao ser-lhe preguntado a que país desejaria pertencer, respondeu sem hesitar: «Se eu não fôsse português, queria ser português!»

Sedento de mundos novos, partiu, um dia, como os seus antepassados, com rumo às maravilhosas terras de Santa Cruz. Não ia como o Jason dos Argonautas à procura do velo de oiro, mas à descoberta da novas sensações para a sua alma de poeta. E assim nasceu *O Eterno Adão*, livro encantador que só um verdadeiro poeta poderia escrever.

Jessé de Almeida não se limitou a «ouvir estrêlas», embora o grande Olavo Bilac nos aconselhe a amar

> «..... *para entendê-las,*
> *pois só quem ama pode ter ouvido*
> *capaz de ouvir e de entender estrêlas!»*

Vai mais longe, visto a Pátria-Mãe estar para êle acima das estrêlas. E então, de tão distante, dêsse adorável Brasil evoca o

ALTAR DA PÁTRIA

Sorri a Primavera. Ao Sol aurifulgente,
Rebenta a folha nova e freme a terra inteira,
Ecôa, monte em monte a sinfonia ardente;
E a flora se engalana ao despertar na Beira,
Já perfumada e linda, em tão garridas côres,
Que lembra uma donzela a palpitar de amores!

Tudo é vigor e luz nessa região sagrada,
Projectando uma sombra enorme, colossal,
Onde o carvalho cresce ao longo de uma estrada,
Pela campina em flor tão cheia de beleza,
Que mais parece, em Maio, um lindo roseiral
Que um prado de verdura ornando a natureza!

Cada geio, em declive, alegre e pequenino,
Contém o coração do lavrador ditoso;
Pois nêle está a alegria, êsse fervor divino
Que torna a vida agreste em sublimado gôzo!
Trabalhai, trabalhai em prol da Pátria amada,
Que a sua força viva está na vossa enxada!

Entre a fronde viçosa e a relva lancejante,
Um arroio que brinca, o Mondego em cachão,
Apontam para o Céu os dedos de gigante,
Mãos postas, implorando, em férvida oração,
A graça dum milagre, a bem da nossa terra!
Aqui, ergue-se, altiva, a majestosa Serra!

Que soberbo altar-mor do templo do Infinito,
Aos pés do qual ajoelha a Pátria portuguesa,
Cinzelado por Deus na rocha de granito!
E o supremo Escultor de tôda a Natureza
Fez a Serra da Estrêla altiva e soberana,
Para a doar, mais tarde, à gente lusitana!

O Sol, de manhãzinha, acorda a Serra, e diz:
— Quem dera possuir a alvura dessas neves
Teus lagos de cristal, teus ninhos de perdiz,
Ver poisar sôbre mim as cotovias leves
Que enviam, no seu canto, ao Sumo Criador
A eterna gratidão do imaculado amor! ..

— Mas que era eu sem ti, ó Sol, ó luz do dia?
Sem ti domina a treva e tudo morreria!
A Flora virginal que sôbre mim viceja
Nasce do teu calor. O próprio rouxinol
Que canta alegre agora e a relva que lanceja
Findariam sem ti, ó terna luz, ó Sol!

— Pois sim, mas ao erguer meus raios inflamados,
Venho beijar teu rosto e mirar-me ao cristal
De tuas fontes, onde, em vidros prateados,
O Mondego começa em forma de espiral,
Contornando, cadente, as fragas e as colinas,
Para saudar Coimbra, e outras paisagens finas!

Inda me lembro: outrora, o grande Viriato,
Com seus rebanhos, forte, à beira do regato,
Sôbre o seu dôrso nobre instituiu seu lar!
O ilustre fundador da Lusitânia antiga,
Berço de Portugal, como te soube amar,
Doando o próprio sangue à Pátria sua amiga!

* * *

Serra acima, em redor das altas caminhadas,
Avança lentamente a onda dos rebanhos;
E os pastores tocando em flautas afinadas
Vão subindo... subindo aos alcantis tamanhos,
Que faz lembrar bem claro a ascensão do Senhor
Serenamente aos Ceus. Feliz de ti, pastor!

* * *

E tôda a minha terra é sacrossanta e linda!
Se o destino, porém, me fez transpôr o oceano,
O amor que lhe consagro é bem maior ainda:
Inflama-se, à distância, o peito lusitano!
Quem me dera voltar, em breve, à minha terra,
Aos campos da Bairrada e aos alcantis da Serra!

Sem conhecermos pessoalmente Jessé de Almeida, adivinhamos-lhe os passos. Partiu, um dia, para o Brasil que de longe o atraía com a sua grandeza, a sua magnificência e a sua beleza. Conhecendo o canto do rouxinol, ansiava por ouvir a voz melodiosa do sabiá.

Os poetas são assim...

A lira de prata, que tantas vezes fizera vibrar na sua terra natal, tornou-se de oiro ao ser beijada pelo sol abençoado do Brasil. Eis porque as suas produções poéticas são de oiro fino, o oiro puríssimo ao qual só Deus põe o contraste.

Cantou o amor nas suas mais belas modalidades, e sensibilizou-nos, apesar do amargo cepticismo que se nos enroscou há muito na alma.

Pois poderá viver-se pelo amor?

A Humanidade não é perfeita, e cada vez se afasta mais do manancial dos afectos puros e sinceros. Assim pensam os desiludidos, encerrados no seu penoso isolamento. É assim que vivem os descrentes sem uma réstea de esperança a nimbar-lhes a alma tão triste e escura como um subterrâneo.

Jessé de Almeida

Mas, se um visionário surge a prègar o amor fraternal, crucificam-no.

Viver ou não viver pelo amor — eis o dilêma.

Ora, Jessé de Almeida acredita nessa vida deliciosa que se envolve em ternuras suaves e se manifesta na mais bela sinceridade.

Ama e crê — e é feliz.

Ah! mas se um dia sentir junto de si as invejas rancorosas pelo seu talento, as ingratidões daqueles que beneficiou, os obstáculos criados traiçoeiramente para lhe impecilharem o caminho, o poeta sentirá a desilusão e compreenderá que a vida pelo amor não é tão ampla como à primeira vista lhe pareceu.

Mas não é disso que pretendemos tratar nestas ligeiras e apressadas linhas.

Aplaudimos o culto pela Pátria que tudo merece, e pela qual devemos tentar prodígios para dela bem merecermos.

Eis o que o livro de Jessé de Almeida nos ensina em belas rimas que nos ficam de cor.

É um hino patriótico que todos os portugueses deveriam murmurar em prece.

GOMES MONTEIRO

Avança lentamente a onda dos rebanhos

Jorge de Lima

A POESIA DE JORGE DE LIMA

na interpretação crítica do dr. Manuel Anselmo

Este livro representa para mim, antes de mais, a confirmação do que escrevi a propósito da primeira obra crítica de Manuel Anselmo, assinalando uma certeza das suas possibilidades em face da progressiva intuição de arte. Essa certeza assentava no aguçado sentido da sua inteligência e na viva penetração da sua sensibilidade, tendendo a uma profunda e luminosa evolução. E foi em harmonia que o meu juízo quanto ao seu segundo volume de crítica literária redundou em certa oposição de pontos de vista, descabidos na apreciação de obras dêste género, pois em tanto se não trata de saber se a verdade é a do apreciador ou a do apreciado mas de indagar da coerência entre as inducções e as deducções apresentadas, ou seja a única realidade crítica. Daqui eu não apresentar a interpretação crítica de Manuel Anselmo da poesia de Jorge de Lima como um documento notável no criticismo português pela razão de não serem só os autores citados mas ainda eu que estou de acôrdo com o melhor sumo analítico e dedutivo das suas páginas. O livro merece tal destaque pelas extraordinárias e persistentes qualidades reveladas nele pelo seu autor.

E posto isto, antes de especificar certos pontos que me parecem de grande relêvo nesta obra, escreverei de outros que, não só me parecem mal esclarecidos, como ainda em contradicção com o próprio crítico, entre tantas e tão admiráveis sínteses da sua compreensão artística. Assim o que diz respeito à experiência, ao artista e à obra de arte. O caso é, realmente, tentador, e Anselmo dá-lhe o devido destaque. No entanto, vejâmos:

Escreve êle: «*êsses tesoiros* (sejam da inspiracão ou do talento) *nada devem aos juros da sua experiência* (do artista) *salvo, bem entendido, se entendermos por experiência o capital emotivo e estético proveniente da anterior realisação artística*». E por isso aqui temos de admitir, com o Autor, que a primeira realização de arte sairía do artista como uma idéa inata. Mas Anselmo parece, adiante, ceder a apresentar a questão de outra maneira, admitindo, a propósito de Cesário Verde, João Falco e outros, que «*de pouco ou nada servirá, pois, aos artistas a lição da experiência*». Depois afirma, agora a respeito dos «*lírios roxos que Camões viu no seio de Vénus*», que só «*as visualidades artísticas são sempre de origem experimental*». Porque, finalmente, interroga: «*a viagem de Vasco da Gama, os episódios de Enéas, os de Ulisses, a visão do Inferno e a do Paraizo perdido, teriam sido, também, produto de uma experiência?*»

Anselmo não se responde, nós é que depreendemos que tudo isso, que se não foi meramente inventado pelos seus autores, saiu da experiência de anterior realização artística, única que intervém geralmente, com o seu capital emotivo e estético, na criação das obras de arte. Mas, sendo assim, para que reclama o crítico contra Valéry, que «*a literatura não dispensa a biografia viva dos seus autores?*» A que vem tal biografia viva no estudo da literatura senão como uma base de experiência de que pode resultar a obra literária?

Ora, ao fim e ao cabo, Anselmo sempre está na razão, quando afirma que «*a primeira verdade de uma obra de arte é a singularidade psicológica do seu autor*». Mas será esta singularidade uma coisa tam singular que exista e obre só por si? Não, certamente; e o crítico de Jorge de Lima só discorda de Valéry em êste querer «*vêr a poesia... através apenas da actividade interior do poeta*», porque isto seria, segundo escreve, «*o mesmo que vêr a vida através das grades de uma prisão ou da névoa de uma janela embaciada*». E requere mais: a biografia viva dos autores.

Assim, fica-se sem saber que falso demónio da inspiração levou a mostrar-se tam desdenhoso da inspiração um crítico tam exigente dela. Pois o que chama «singularidade psicológica», onde se opéra a actividade interior do artista, não será a tam profunda grade da prisão, a tam profunda névoa da janela embaciada, que, por fora, não se percebe como da biografia viva dos artistas saiem as obras de arte? A verdade, entretanto, é que o traçado por Anselmo sôbre a biografia de Jorge de Lima não daria meia dúzia das cento e tal páginas em que interpretou, brilhantemente, a sua poesia através da experiência não só do artista como ainda do homem que influiu na sua singularidade psicológica.

Na verdade o crítico apresenta-nos o poeta superando sempre o homem, e até o crente. Mas daqui não se segue que êle não seja um crente convicto ou, por outra, se tenha deshumanizado, como Anselmo crê dar-se com o caso artístico de Fernando Pessôa e dos romancistas à Proust. Quando, acaso, algum homem poderá ser grande, elevar-se acima dos outros, deshumanizando-se? Num crítico da bitola de Anselmo, só poderei admitir, aqui, um emprego infeliz da palavra deshumanização. Tanto que êle escreve: «*só os grandes poetas partem do humano para o in-humano, da realidade para a transfiguração, do transitório para o eterno*». E de que transitório para que eterno? Não será do transitório humano para o eterno humano, dando-lhes assim perpetuidade na consagração dos homens?

No entanto o crítico, na sua sêde de superar o caso artístico sôbre o simplesmente humano, pretende ser «*um êrro considerar-se o parnasianismo como inimigo ou contraditor das actuais expressões poéticas*». É uma opinião, mas tam em desharmonia com a antitese dos dois processos poéticos como descabida para explicar a primeira fase de Jorge de Lima, visto que o seu próprio crítico pensa que «*a vis integralmente lírica do poeta lhe impediu o virtuosismo formal indespensável ao ritmo parnasiano*». E, assim, não partindo da expressão formal para a poesia, mas desta para a sua expressão, Jorge de Lima pôde ser o grande lírico que Anselmo nos revela, começando por particularizar os pormenores regionais do seu Nordeste brasileiro para criar uma imagem lírica dêles. Eis a experiência da terra exercendo-se no poeta nativo, ou seja na sua arte, tal como o crítico o afirma, depois de uma das suas lúcidas transcrições: «*condensam-se neste poema as lendas, as tendências psicológicas, os instinctos infrenes, as crenças obscuras, o dialecto privativo, os pavores e sobressaltos, que fôram, em tempos, pão nosso de cada dia no Nordeste*». E assim, embora não começasse bem, passando a citar com propriedade e sentido de belesa, e comentando com magnífica penetração psicológica, bem como descortinando certas influências, Manuel Anselmo termina esta primeira fase do seu perfilado, sintetisando: «*como poeta e como romancista, Jorge de Lima pretende transcender o real, dar dignidade intemporal á vida, aromatisá-la de um perfume místico e legendário. O Poeta, contudo, ama o natural e a sua própria emoção sensorial: o seu fito, por isso, é justificar a naturesa e os seus cinco sentidos através de uma transfiguração metafísica*».

Assim nesta interpretação de um poeta moderno nada há de vistas novas em face de outras interpretações de outros poetas ou artistas modernos, todas as vistas gerais estão apenas certas em conformidade. O grande valor de «*A Poesia de Jorge de Lima*», de Manuel Anselmo, como documento crítico, artístico e humano, reside numa penetrantíssima e deslumbrada observação, segundo postulados modernos da arte, da evolução do seu Poeta como artista. De onde a maneira do Crítico nesta obra nos sugerir Chestov, mas sem o tom aforismal, pois se trata de uma interpretação de continuïdade evolutiva, e em que, ao contrário do chestovismo, não é o homem que está na base, do artista mas o artista que supera o homem, o que, accionado pelas faculdades literárias do Autor, dá à sua obra um desenvolvimento ameníssimo, uma quási acção romanesca, de biografia artística romanceada. Daqui, e como já o entremostrou, talvez Anselmo seja um excelente romancista, ou senão, por possível falta de grande ficção, um notável novelista de belas singularidades humanas, porque o que ele já mostra, com a sua «*Poesia de Jorge de Lima*», é ser um fulgurante crítico de personalidades de arte, e, quanto a mim, quando preencher, ou antes cimentar o fundo cultural que mingúa na crítica moderna, um grande crítico, *tout-court*.

No capítulo em que versa a fase de Jorge de Lima como romancista, começa por fazer uma firme distincção entre «o velho romance realista» e o moderno, em que salienta Dostoïewsky, Proust e Huxley; e, na verdade, nestes três autores há três fases diferentes do romancismo moderno. Anselmo não especifica estas; demais, ele não tem aqui grande matéria a interpretar: a obra do romancista interpretado é curta, e até hoje apenas representa, realmente, uma fase do Poeta. Com a propriedade devida a êle, ela resume-se em dois romances; ou, quanto a mim, ainda a um só: «*Calunga*». O «*Anjo*», em que Anselmo muito bem descortina a influência de Cocteau, é antes uma novela, não porque a acção seja a de uma alegoria, «essa espécie de inigma intelectual», no dizer de Thibaudet citado por Anselmo, mas porque realmente o alegorismo domina o destino das personagens, tirando-lhes portanto a representação própria da arte do romancismo. Porque o Crítico distingue admiravelmente os processos do «*Anjo*» e do «*Calunga*», afirmando que «*ambos os romances podem documentar-nos dois aspectos da sensibilidade de Jorge de Lima: a sensibilidade intelectual e a sensibilidade social*». Ora é a sensibilidade intelectual que ameaça desvirtuar o romance «*como veículo* (mas determinado veículo: especificarei) *de poesia*», tal como o quere o Crítico. Porque essa maneira de ser veículo genérico da poesia está, por exemplo, nesse «*Mother's cry*» com que a Carlisle integrou o romance moderno nas suas formas clássicas, ou sejam as mais próprias e eternas.

No capítulo em que Anselmo volta à expressão versificada do seu Poeta, definindo-lhe a terceira fase, principia por anotar: «*Assim como a morte de Ismael Néry determinou a conversão de Murilo Mendes ao catolicismo, também a voz de Cristo, súplice e magoada, chegou, um dia, ao coração de Jorge de Lima: e não só ao coração, à inteligência, sôbretudo*». Desta maneira o crítico precisa a sua convicção de ser o artista que supera o homem, ou antes, neste caso, o poeta que supera o crente, está na sua base, embora sem o anular, sem o desumanizar; e, seja tal ponto de vista em louvor do Crítico ou do criticado, o certo é Manuel Anselmo o defender magistralmente, fazendo consistir nisso a maior beleza artística, e até o mais perfeito sentido crítico, que vão ambos avolumando com as páginas do seu livro.

«*Êle*» (Jorge de Lima) — escreve Anselmo — «*enxergou, graças à Fé, novas realidades no Universo; essas realidades, porém, outra coisa não são do que a virtualidade do seu mundo interior transfigurado pela Fé*». Citam-se alguns versos em abono desta transfiguração. E, conclue o Crítico: «*Munido de tais instrumentos poéticos, Jorge de Lima cria três mitos: o de Deus, em si vivo, presente, angustioso; o da Bem-Amada, imaterial e sem figura; e o da insuficiência humana, fóra da Fé, para atingir Deus e a Bem-Amada*».

O mais humanamente trágico dêstes três mitos seria, talvez, o da tal insuficiência humana. Mas, fiel ao principal postulado da sua crítica de arte, isso não interessa, mórmente, Anselmo, talvez porque desconheça o competente da biografia do Poeta. O que, na verdade, e com perfeita intuïção, o prende é o que são os mitos de Deus e da Bem-Amada. Esta, segundo o Lírico, «*perfeitíssima entre as mulheres*», é, consoante o Crítico, «*uma saüdade da terra, do mundo, do pecado*». Isto vem a ser, numa das mais originais expressões de Anselmo, «*o inato bovarismo psicológico do Poeta salvando-o da monotonia lírica*». E, finalmente, o que será Deus, o essencial neste lirismo místico? Eis o que nos responde o Crítico: «*o seu Deus, dêste Tempo e Eternidade, é como que a palpitação cósmica de tôdas as ansiedades humanas, é o Deus do Velho Testamento compreendido através da flauta de Pan e da cítara de David*». Simplesmente, a simples, terrena sensualidade davidiana é intelectualista no lírico brasileiro.

Então, para se furtar ao problema humanista levantado por Brémond, com «*Prière et Poésie*», o crítico de Jorge de Lima cita Raïssa Maritain, e conclue após ela: «*a emoção mística é uma coisa; a natureza mística, outra*». E, já não arredando de todo o Homem do supra-realismo místico do seu Poeta, Anselmo lança mão de uma luminosa síntese humanista de Heidegger, afirmando que «*a poesia equivale* à concentração do Homem no íntimo da sua realidade humana».

No último capítulo da obra, ou seja aquele em que versa a última fase do Poeta interpretado, o Autor apresenta-o sob uma fisionomia de «*fome do universal através da fome de Deus*» ou «*fome do eterno através da fome do espiritual*». É nesta fase que o Crítico melhor faz intervir o humano na elaboração artística, ou lírica, mantendo-se fiel ao seu postulado, de que o Artista supera o Homem. Assim escreve: «*A fé de Jorge de Lima em Deus não é tam forte, tam dominadora, que o leve à extrema uncção mística*». Com efeito, esta «extrema uncção mística» parece a morte do artista. Porque, tal como se apresenta, mesmo se impõe, não será o Poeta um crente, ou antes, um místico? Por outra, pregunta Anselmo: «*serão meramente literárias as suas realizações poéticas ou, pelo contrário, equivalerão elas à exacta reproducção das circunstâncias psicológicas e humanas do Poeta no instante criador?*» O Crítico inclina-se, naturalmente, para a segunda hipótese, e eis o que explica, não só a sinceridade, ou a humanidade, do caso religioso do lírico Jorge de Lima, mas ainda a de tôda a verdadeira poesia. Direi, mesmo, que sem essa verdade humana, êste livro de Manuel Anselmo não passaria de uma deslumbrada descrição de motivos de arte poética que tomaram um vago sentido místico. E não é asssim porque o autor, interpretando a evolução artística de um poeta, nos faz a humana experiência pessoal dêle, através da sua singularidade psicológica. Tanto a propósito da poesia como da mística de Jorge de Lima, o Crítico elucida: «*Não se trata de fugir da vida em busca da intemporalidade; trata-se, sim, de impôr uma ordem à grandeza trágica da vida, com os seus pecados e imperfeições*». E isto ainda pareceria uma atitude poética, um método literário, se, entre todo o sentido humano que o envolve, se não elucidasse ainda que «o eterno é tam necessário ao Poeta como o seu grito de crente, os seus sentidos extasiados ou as suas mãos de mágico reconstituidor». Assim, a maior Beleza dêste livro, e por certo a sua perpetuidade, está em que Manuel Anselmo, descrevendo-nos nêle a evolução artística de um poeta, até só nos anunciar um qualquer novo rumo, uma qualquer nova fase da sua poesia, nos faz sentir, pensar, viver e sofrer o homem Jorge de Lima.

Aleixo Ribeiro

Manuel Anselmo

A VIOLÊNCIA NUNCA PODE SER VITÓRIA

Voltando êste dístico do avêsso, pode lêr-se que uma derrota, devida ùnicamente á fôrça inimiga, é sempre uma vitória.

Digam-me lá como pode defender-se alguém que despreocupadamente segue o seu caminho, confiado e sem pensar em que uma cilada lhe foi armada alguns passos adiante, se lhe cai repentinamente em cima um grupo agressor, que o mantém quieto e o espanca ao mesmo tempo?

Ainda que êsse alguém seja dotado de força e de coragem, tem de agüentar a agressão e submeter-se á eloqüência dos números.

E podem aquêles que assim vencem o mais fraco — em relação á quantidade dos adversários — ter orgulho na sua vitória, que afinal não é vitória nenhuma, porque lhe falta o heroismo do próprio esfôrço?

O outro, o vencido forçado, é que intimamente se deve orgulhar, porque não lhe faleceu o ânimo nem a valentia, pois foi derrotado apenas aparentemente pela fôrça contra o direito, o que é um atropêlo a tôdas as leis.

Uma derrota sofrida em tais circunstâncias não envergonha ninguém.

E não pensem os que venceram que conseguiram anexar mais uma nação ou um indivíduo que fôsse á sua causa.

O vencido submete-se, porque a isso é obrigado, mas não se rende, nem se resigna á autoridade de outro senhor.

★

Mesmo na vida, nésta vida comezinha de todos os dias, nós travamos dessas batalhas, em que temos que defrontar-nos com elementos discordantes do nosso ideal, que por fôrça maior do que a nossa probabilidade de êxito nos obrigam, não a desistir, mas a submetermo-nos a uma escravidão que nos alanceia a alma, sedenta de mais amplo espaço para os seus vôos. Ninguém nos vence, desde que não nos conquistem pela persuação, e a conquista que dura e canta vitória é a da doçura, a dos bons modos, a de uma acurada diplomacia.

O «angriff», para empregar a expressão do momento, e que se traduz justamente por «agressão», tem nas pessoas e até nas coisas um efeito contrário.

Não conseguimos muitas vezes com jeito abrir uma porta recalcitrante que não cedeu á fôrça?

Pois é assim tudo na vida.

Como não há de a gente gostar das bôas maneiras, se até os sêres inanimados — deixem-me chamar-lhes sêres — gostam de ser bem tratados?

Estes princípios podem aplicar-se a tôdas os cambiantes da existência.

Na educação dos seus filhos, os pais — êles e elas — conseguem mais depressa a obediência, se persuadirem as crianças de que como êles dizem é melhor e dá mais resultado, do que querê-los convencer com más palavras e á pancada.

Os miüdos, submetem-se — que remédio, porque elas doem — mas não compreenderam que andaram mal, e o seu sentir não se modifica.

Se não repetem a maldade, é por mêdo e não por convicção de que erraram.

A vitória dos educadores é, então, absolutamente aparente, e a satisfação que daí lhes resulta é simplesmente imaginária.

★

Os Francêses têm um provérbio que sintetisa eloqüentemente tudo o que eu disse: «Mieux vaut douceur que violence». E há mesmo, nos livros de leitura das escolas, um desenvolvimento dêste axioma, que de qualquer modo o ilustra.

Serve para os adultos também, e aqui fica:

O Sol e o Vento fizeram um dia uma aposta, ao vêrem numa estrada certo viandante muito embrulhado num pesado capote.

O Vento afiançou:

— «Eu sou mais forte do que tu. Vais ver como lhe tiro depressa o capote».

E começou a sibilar com violência. Mas, quanto mais o Vento o agredia, mais o caminhante se agarrava ao agasalho precioso.

O Vento, colérico, desencadeava-se em tempestade. E o homem mais se embrulhava e mais fortemente segurava com as duas mãos o capote.

O Sol, então, propôz ao seu antagonista:

— «Deixa-me agora experimentar o meu poder.»

E pôs-se a aquecer a terra docemente, aumentando, pouco a pouco, a fôrça dos seus raios de luz e calor.

O nosso homenzinho começou por abrir o capote, e daí a momentos tirou-o e até acabou por despir o casaco e o colete, continuando o seu caminho em mangas de camisa, vencido gradualmente pelo calor.

E o Sol disse ao Vento, admirado e furioso:

— «A fôrça nem sempre trás a vitória. «O que é preciso é convencer o inimigo a render-se».

E é mesmo assim.

Vencer é convencer.

A submissão pela fôrça não é uma derrota.

MERCEDES BLASCO

O remuniciamento da artilharia (Friso de Sousa Lopes)

O DIA DA MOCIDADE

Três aspectos das comemorações da *Mocidade Portuguesa* no dia 1 de Dezembro: A sessão no Coliseu dos Recreios *(em cima)*; a missa na igreja de São Domingos, a que assistiram o ministro da Educação Nacional e os dirigentes da M. P. *(à esquerda)*; e *(em baixo)* o desfile, em continência, perante o monumento dos Restauradores

A TOMADA DE DANTZIG PELO "GRANDE EXERCITO"

Como Lefevre conquistou esta fortíssima cidade

Entrada do exército francês em Dantzig (Quadro de Adolphe Roehn)

Napoleão visitando com Lefevre as trincheiras de Dantzig. (Quadro de Vernet)

O heroico soldado, rodeado por russos, que, pondo-lhe as baionetas ao peito, lhe ordenaram que se calasse, se tinha amor à vida, não hesitou, e, decidido a sacrificar-se para salvar os seus camaradas, gritou: «Atire, meu comandante, são russos!»

Os russos — devemos fazer-lhes essa justiça — mais generosos do que os prussianos de Brunswick haviam sido para com o desventurado Assas — renderam homenagem ao heroïsmo do soldado francês, poupando-lhe a vida.

Nestas últimas operações, devido, em parte, à rapidez da sua execução, as perdas dos sitiantes foram quási nulas, enquanto os sitiados tiveram 600 baixas e deixaram nas mãos dos franceses mais de 500 prisioneiros e 17 bocas de fogo.

Por êsse tempo, os sapadores já haviam aberto uma trincheira circular, que abraçava e ultrapassava, tanto à direita como à esquerda, o saliente da «meia-lua». Era, pois, chegada a ocasião de dar assalto ao «caminho coberto».

Na noite de 7 para 8, precedido de 50 sapadores, armados de machados e de pás, um destacamento do 19.º de linha e do 12.º de ligeiros, comandado pelos oficiais de engenharia Barthèlemy e Beaulieu e pelo major de infantaria Bertrand, desembocou pelas duas extremidades da trincheira circular e avançou, aceleradamente, para o «caminho coberto».

Os sapadores, que marchavam à frente, lançaram-se, de machado em punho, debaixo duma chuva de balas, às palissadas e conseguiram abater algumas. Os soldados de infantaria penetraram em seguida no «caminho coberto» e percorreram-no, não obstante a metralha que chovia incessantemente da praça.

Em seguida, avançaram para os fortes *blockhaus*, que tinham sido construidos nos ângulos reentrantes do recinto. Porém os sitiados fizeram sôbre êles um fogo tão activo, tão intenso e tão bem sustentado que se viram compelidos a voltar ao saliente da «meia-lua». No entanto, o «caminho coberto», após uma luta verdadeiramente desesperada, ficára em poder dos sitiantes.

Nesta última operação — o assalto ao «caminho coberto» — que é sempre uma das mais perigosas num cêrco em regra, os franceses perderam 17 homens e tiveram 75 feridos.

Os sapadores mineiros percorreram imediatamente todo o «caminho coberto», a-fim-de verificarem se havia minas começadas para fazerem saltar o terreno conquistado. O sargento de engenharia Chopot descobriu um poço de mina. Sem hesitar um instante lançou-se nêle, de sabre em punho, e encontrou 12 prussianos que trabalhavam em ramais de mina. Os prussianos, aterrorizados com a repentina aparição do sargento francês, não ofereceram a menor resistência. Chopot aprisionou-os a todos, destruindo, em seguida, a mina.

Uma vez senhores do «caminho coberto» da «meia-lua», os sitiantes achavam-se estabelecidos à beira do fosso e tinham que executar uma série de operações bastante arriscadas: descer ao fosso; em seguida derrubar a fileira de palissadas que guarneciam o fundo; depois, tomar de assalto os taludes arrelvados que, como já dissemos, substituiam nas fortificações de Dantzig, as escarpas de alvenaria.

Fóra isso, era necessário executarem no saliente do bastião da esquerda uma operação identica à que haviam executado no saliente da «meia-lua», para não serem metralhados de flanco por êste bastião quando atacassem a própria «meia-lua».

Os sapadores começaram no dia 8 a abrir trincheiras para se aproximarem do saliente do bastião. Êstes trabalhos tornavam-se terrivelmente perigosos porque, à medida que se aproximavam, os *boulets* arrazavam, de quando em quando, os parapeitos, penetravam nas trincheiras, prostravam os soldados e, inclusivamente, faziam muitas vezes desabar sôbre êles os espaldões que à custa de tanto trabalho haviam sido construidos.

O marechal Lefevre, apesar dos pedidos de todos os seus generais e oficiais, andava constantemente pelas trincheiras, não só para animar com a sua presença os sapadores, como tambem porque entendia que era seu dever partilhar os perigos aos quais êles, por sua ordem, a todo o momento, andavam expostos.

Contudo, no seu íntimo, o marechal, que, com a sua alma de heroi de Plutarco, só compreendia o ataque impetuoso e irresistível num campo de batalha, suspirava, saudosamente, recordando as jornadas de Iena e Eylau. Aquela guerra lenta de toupeiras (como êle lhe chamava) exasperava-lhe a paciencia.

Que pensaria então Lefevre se tivesse podido vêr o inferno de «sangue e de lama», que foi a Grande Guerra?

Mas voltemos a essa estrofe da epopeia napoleónica que foi o cêrco de Dantzig.

Enquanto o marechal estava nas trincheiras, Chasseloup e Lariboisière tinham recomeçado as suas eternas discussões. Os dois generais, aliás, tanto um como outro, pessoas de muitissimo valor, eram dotados de espírito de contradição, de modo que, esquecidos da inoportunidade do momento, compraziam-se em eternizar tôdas as discussões.

Já tinham sido Chasseloup e Lariboisière que demorando, com as suas incessantes divergências, o avanço dos trabalhos, tinham contribuido imenso para que Lefevre, não os vendo chegar nunca a um acôrdo àcêrca das operações a efectuar, houvesse proposto dar um assalto geral à praça.

Desta vez as divergências recomeçaram a propósito da fileira de palissadas que era preciso quanto antes derrubar.

As divergências recomeçaram e, como sempre com os dois generais, ameaçaram eternizar-se.

Lefevre, incitado pelo general Kirgener e por alguns oficiais do estado-maior, ia talvez perder a cabeça com êles e remetê-los ao Imperador quando, de súbito, chegou ao acampamento uma notícia alarmante — um exército russo vinha em socorro de Dantzig.

Realmente, depois de haverem perdido imenso tempo a ouvirem as discussões dos seus generais, o rei da Prússia e o imperador da Rússia, reunidos em Bartenstein, decidiram enviar 12.000 homens (6.000 pelo banco de areia de Nehrung e outros 6 000 pelo forte de Weichselmünde). O seu plano era forçar a linha de investimento; tomar o acampamento francês no Nehrung, desembarcando nêsse acampamento, ou pelo forte de Weichselmünde, ou pela estrada de Koenigsberg; ocupar a ilha de Holm; restabelecer as comunicações com Dantzig; entrar na praça e, uma vez lá, fazer uma sortida geral, a-fim-de destruir os trabalhos dos sitiantes e os obrigar a levantar o cêrco.

Um corpo russo e prussiano, quási todo composto de cavalaria e comandado pelo coronel von Bullow, atravessou em chalupas o canal de Pillau, aportou na ponta do banco de areia de Nehrung e marchou em direcção à praça. 8.000 homens, na maioria russos, comandados pelo moço general Kamenski, embarcaram em Pillau e, chegando no dia 12 à foz do Vistula, principiaram a desembarcar nos molhes, sob a protecção da artilharia do forte de Weichselmünde.

O marechal Lefevre, que não possuia como Napoleão uma confiança cega na sua estrêla, ao saber da junção em Pillau das fôrças que vinham em socorro da praça alarmou-se sèriamente.

Acto contínuo, escreveu ao Imperador e aos comandantes das fôrças postadas na região, pedindo que lhe enviassem reforços.

Napoleão sempre previra que o imperador da Rússia e o rei da Prússia não abandonariam Dantzig, de maneira que já tinha antecipadamente organizado os reforços.

O marechal Mortier recebeu ordem de acelerar a sua marcha e de se fazer preceder por uma parte das suas fôrças, de modo que, pouco depois da junção das fôrças inimigas em Pillau, chegou ao acampamento o 72.º de linha. A reserva do marechal Lannes começava a concentrar-se na ilha de Nogath, onde também se encontravam 3.500 homens do 3.º de linha. Quanto à divisão dos granadeiros de Oudinot, essa achava-se postada entre Marienbourg e Drischau. Fora isso, Napoleão ordenou a uma das brigadas do general Oudinot que se dirigisse a Furstenwerder e que lançasse uma ponte sôbre o braço do Vistula que separava a ilha de Nogath. Ordenou também ao general Beaumont que, com uns mil dragões, se dirigisse a Furstenwerder; que deixasse passar o corpo inimigo que marchava no Nehrung e que, quando este houvesse ultrapassado Furstenwerder o cortasse, fazendo o maior número possivel de prisioneiros.

Finalmente, ordenou ao marechal Lannes que se dirigisse a Dantzig com a recomendação expressa de não fatigar as suas tropas, empregando-as nos trabalhos do cêrco, mas de as conservar em reserva, para as lançar sobre os russos.

No cume do planalto de Zinkanberg, o marechal Lefevre, desta vez livre de Chasseloup e Lariboisière — as suas sombras negras, como êle lhes chamava — observava o inimigo e dirigia os movimentos das fôrças. Os ajudantes de campo transmitiam as suas ordens aos marechais e aos generais que o Imperador havia colocado debaixo do seu comando.

Napoleão julgara desnecessário deslocar-se de Finkenstein. Ninguem melhor do que Lefevre, embora êle não fôsse um génio e o seu saber proviesse mais da experiência do que do estudo, estava à altura de comandar as fôrças.

Estava certo que êle os rechaçaria, assim como tinha rechaçado os prussianos, os austriacos e os russos em todos os campos de batalha da Europa.

Lefevre mal viu os russos avançarem para as posições do Nehrung enviou imediatamente ao general Gardanne um batalhão do 12.º de ligeiros e, pouco depois, Lannes, com os granadeiros de Oudinot, dirigiu-se também para o banco de areia.

Os russos avançaram divididos em três colunas: uma marchou para os redutos; outra para os bosques e a terceira, composta de cavalaria, ao longo da costa. Uma quarta coluna ficou em reserva para reforçar aquela que fraquejasse.

Três corvetas enviadas pela Inglaterra deviam, por seu turno, subir o Vístula para destruir as pontes, atacar de reverso as fortificações e auxiliar, com o fogo de 60 peças de grande calibre, o movimento dos russos e dos prussianos. Mas o vento contrário obrigou as corvetas a ficarem na foz do Vístula.

Os russos marcharam denodadamente contra as posições ocupadas pelos franceses e, não obstante o intenso fogo que êstes lhes fizeram, continuaram a avançar para os redutos. Repetidas vezes tentaram atravessa-los, mas não o conseguiram. Por fim, os soldados franceses, saltando por cima dos entrincheiramentos, repeliram-nos à ponta de baioneta.

A segunda coluna que marchara para os bosques foi detida como a primeira, mas voltou à carga e travou-se então, entre os franceses e os russos, uma série de combates corpo a corpo. Os russos atacavam com o maior ímpeto e os franceses defendiam-se com o maior denodo, de maneira que a luta foi longa e porfiada. Após várias horas de combate, os franceses estavam exaustos e, esmagados pelo número (eram apenas 2.000 em frente de 7.000) teriam fatalmente sucumbido a tão violentos e repetidos ataques, sem a chegada dum batalhão do 12.º de ligeiros e dum batalhão da Guarda de Paris enviados por Lefevre.

Os dois batalhões, compostos de soldados de élite, caíram denodadamente sobre os russos. As restantes forças, estimuladas com êsse exemplo, lançaram-se com o maior ímpeto contra o inimigo e conseguiram arroja-lo até aos *glacis* do forte de Weichselmünde.

O general Kamenski, que queria, custasse o que custasse, levar a cabo a sua missão, tentou um último e desesperado esforço. Juntou às tropas a reserva que ainda não tinha entrado em combate e avançou novamente contra os entrincheiramentos.

Inútil heroismo e inútil sacrifício! O marechal Lannes e o general Oudinot tinham chegado, trazendo ao general Schramm o reforço de quatro batalhões de granadeiros.

Oudinot, à frente dum dêsses batalhões, reunindo tôda a fôrça e conduzindo-a depois para a frente, arrojou outra vez os russos até aos *glacis* de Weichselmünde, pondo fim ao combate.

Os russos correram a encerrar-se no forte, deixando no campo de batalha, entre mortos, feridos e alguns prisioneiros, mais de 2.000. Por sua vez, os franceses perderam 300 homens.

Esta batalha, tão decisiva para os sitiantes, ía sendo enlutada pela morte de dois dos mais valorosos chefes do «Grande Exército». Um *boulet* russo, passando entre o general Lannes e o general Oudinot, por pouco não os roubou à vida e à gloria. Oudinot teve o seu cavalo morto e Lannes ficou com o uniforme todo chamuscado.

Entretanto, as tropas prussianas, comandadas pelo coronel von Bullow, que marchavam pelo Nehrung, haviam chegado a Kalberg junto das patrulhas de cavalaria francesa que retiraram para outras posições em Furstenwerder.

A pequena distância de Furstenwerder, a cavalaria francesa, conduzida pelo general Beaumont, carregou impetuosamente sôbre o inimigo. As tropas prussianas, surpreendidas por êste ciclone humano, tomaram-se de pânico e fugiram em desordem. Os dragões de Beaumont, com os sabres desembainhados faiscando sol, perseguiram, num tropel vertiginoso, o inimigo em debandada, até a uma distância de 11 léguas.

Por êsse tempo o vento mudara e o capitão duma das corvetas, a *Dauntless*, resolveu tentar subir o Vístula.

O marechal Lefevre, que ainda se conservava no planalto de Zinkanberg, avistou-a quando ela havia passado já o forte de Weichselmünde.

Acto contínuo, reconhecendo que se aquela corveta carregada de pólvora e de outras munições, conseguisse subir o Vistula e aproar a Dantzig, Kalckreuth poderia continuar a resistir, Lefevre mandou um ajudante de campo ao general Schramm com ordens terminantes.

Essas ordens foram integralmente cumpridas.

A *Dauntless*, que era uma corveta com 24 canhões e tinha 120 homens de tripulação, subiu o rio até à altura dos redutos, mas foi recebida com um fogo

de artilharia e de mosquetaria tão violento que lhe foi impossível continuar a manobrar e veio encalhar num banco de areia. O capitão inglês, vendo a maior parte dos seus marinheiros mortos e feridos, mandou arrear bandeira. Os soldados franceses lançaram-se no Vistula e foram ocupar a corveta desmantelada.

Os sitiantes seguiram os trabalhos de aproxe. Já se encontravam estabelecidos à beira do fôsso, mas restava-lhes ainda executar as operações mais dificeis e mais arriscadas: descer ao fôsso e ir abater as palissadas para abrir caminho ás colunas de ataque.

Principiaram a descer, servindo-se de passagens blindadas, mas sucedeu muitas vezes que os projecteis perfuraram essas blindagens e esmagavam os soldados que elas abrigavam.

Ao mesmo tempo, tratava-se de fazer saltar um *blockaus* construído no ângulo reentrante que a «meia lua» formava com o bastião.

Finalmente, na manhã do dia 21 já tinham abatido, umas vezes com sacos de polvora, outras com o machado, no bastião da esquerda, as palissadas, numa extensão de 90 pés. Era o bastante para dar passagem ás colunas de ataque.

Decidiu-se que se daria o assalto ao anoitecer do dia 21.

O momento tão ansiosamente esperado pelo marechal Lefevre, assim como por todos os oficiais e soldados, ia, enfim, soar.

Nessa mesma tarde, várias colunas entraram no fôsso e foram, sucessivamente conduzidas ao pé dos taludes, que se levantavam por detraz das palissadas, para todos verem as fortificações que, ao caír da noite, teriam de escalar.

Então, da boca dêsses 4.000 homens escapou o mesmo grito.

— Meu marechal! Subamos ao assalto! Não esperemos pela noite!

Os sitiados tinham no alto do talude, suspensas por cordas, três enormes traves com as quais contavam esmagar grande parte dos sitiantes no momento do assalto.

Mas um soldado francês do 12.º de ligeiros, chamado Francisco Vallé, que havia ajudado muitas vezes os sapadores a abater as palissadas, ofereceu-se ao marechal Lefevre para ir cortar as cordas, a-fim-de fazer caír as traves antes das colunas subirem ao assalto.

E, sem esperar a resposta de Lefevre, que, extremamente comovido com aquele oferecimento repleto de sublime altruísmo, hesitava em enviar á morte aquele bravo, Francisco Vallé, agarrando num machado, subiu ao talude e foi, debaixo dum chuveiro de balas, levar a cabo a missão que a si próprio impusera, para salvar centenas de vidas.

Quando, uma vez cortadas as grossíssimas cordas, as traves caíram no fôsso, Vallé foi ferido por uma bala, mas, felizmente, sem relativa gravidade.

O marechal Lefevre desembainhou a espada e ía lançar-se, primeiro que ninguém, ao talude quando lhe recordaram as ordens do Imperador. Só ao anoitecer é que deveriam subir ao assalto.

Mas antes da noite caír, chegou ao acampamento um parlamentário, anunciando que o marechal Kalckreuth estava resolvido a capitular.

O desapontamento de Lefevre, assim como o de todos os oficiais e soldados, foi indescritível.

Que dizer do heroismo e do espírito de sacrifício dêste chefe e dêstes soldados?!.

Só nos resta repetir a frase que Marbot, um dos coronéis do «Grande Exército», pronunciou numa circunstância idêntica.

Que homens e que tempos!

O marechal Kalckreuth, uma vez esgotadas as munições, reconhecera a necessidade de se render, mas reclamava para a guarnição de Dantzig as mesmas condições que em 1793 a guarnição francesa de Mayenne obtivera dêle, isto é, saír com honras de guerra, sem ficar prisioneira de guerra e com o único compromisso de, durante um ano, não pegar em armas contra a França.

Kalckreuth durante todo o cêrco mostrára-se o digno aluno da escola de guerra de Frederico II. Era pois um grande vencido ao qual os vencedores deviam respeito.

Ninguém admirava mais os talentos militares, o ardente patriotismo e a perseverança heróica de Kalckreuth que Lefevre. Por sua vontade, teria imediatamente assinado a capitulação nas condições requeridas, mas nada podia fazer sem consultar o Imperador. No entanto, prometeu ao comandante da praça que empregaria os maiores esforços para obter do soberano uma capitulação honrosa.

O cavalheirismo do soldado da Revolução espantou o general da Guerra dos Sete Anos.

Lefevre não era, realmente, como o Kalckreuth um gentil-homem que tivéra reis por mestres. Era o filho do moleiro de Ruffach, o sargento de Luiz XVI, mas possuía no entanto, e ía prová-lo ao marechal conde de Kaclkreuth, a nobreza de sentimentos que dita os grandes actos de generosidade.

Napoleão, a pedido de Lefevre, aceeu, embora muito contrariado, ás condições propostas, mas encarregou o seu velho amigo de dizer ao marechal Kalckreuth que o fazia únicamente em atenção a êle, à sua idade, aos seus brilhantes feitos de armas e à maneira cortez e cavalheiresca com que em Mayenne tratára os franceses.

Na manhã do dia 26 de Maio de 1807 a bandeira de Frederico Guilherme III desceu dos baluartes da praça e, enquanto a banda francesa atacava a marcha prussiana, a guarnição, reduzida de 18.000 a 7.000 homens, saíu de Dantzig com honras de guerra, isto é: ao som dos tambores, com estandartes desfraldados, armas e bagagens e morrões acêsos.

Era sem o menor sentimento de animosidade que os franceses viam desfilar os prussianos e os russos. Nos seus olhos apenas se podia lêr a admiração e o respeito — admiração e respeito duns heróis por outros heróis.

Depois de haver recebido a saüdação e a espada do marechal Kalckreuth e ter assistido ao desfile da guarnição vencida, o marechal Lefevre, fardado de grande uniforme, fez a sua entrada triunfal na cidade de Dantzig.

Sempre modesto e generoso, Lefevre queria que os seus camaradas Lannes e Mortier entrassem na cidade ao seu lado, mas os dois marechais, entendendo que só a êle, pelo seu heroismo e abnegação, cabiam as honras do triunfo, agradeceram e recusaram.

Todos os regimentos, que haviam tomado parte no cêrco, forneceram um destacamento de honra e entraram em Dantzig ao toque de tambores, e com a bandeira desfraldada, atraz do seu glorioso comandante.

Os sapadores, que (como o próprio Napoleão o declarou na ordem do dia) se tinham coberto de glória nêsse cêrco memoravel, marcharam, como era de justiça, à frente de todos os destacamentos.

O marechal Lefevre cumprira a sua missão. Abatera o último baluarte do rei da Prússia e plantara nas muralhas de Dantzig a bandeira tricolor e as águias imperiais.

Dias depois, Napoleão veio a Dantzig visitar as trincheiras e inspeccionar os trabalhos.

O Imperador não era um amo mesquinho ou ingrato, de maneira que todos os generais, oficiais e soldados que se haviam distinguido, foram magnificamente recompensados. Os heróis que por êle tinham vertido o seu sangue receberam castelos, pensões e promoções.

Lefevre recebeu, além de 500.000 francos, uma dotação de 100.000 libras de renda.

Mas essa era a recompensa devida à honestidade do homem, que apenas se servira da sua espada para conquistar a glória e não a fortuna. Restava ainda recompensar a amizade e a dedicação.

E, como outrora na antiguidade, os generais vencedores recebiam do reconhecimento público o nome das suas conquistas, o Imperador decidiu dar ao marechal Lefevre o nome da praça conquistada.

Havia muito tempo que Napoleão decedira criar uma nova nobreza. Os seus marechais haviam-se coberto de glória nos campos de batalha. Era justo que êle, á semelhança dos antigos soberanos, recompensasse êsses heróis, a quem chamavam os novos pares do novo Carlos Magno, apróximando-os do seu trôno.

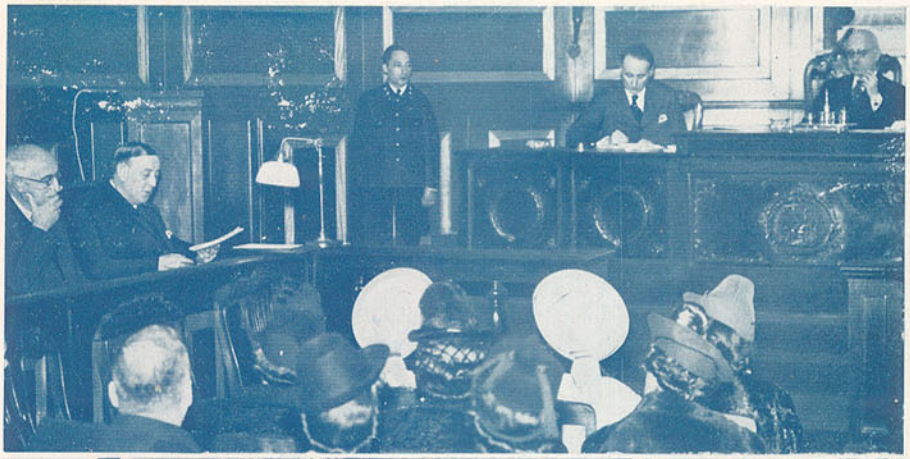
Mas foi na fronte cingida de louros do marechal Lefevre, na fronte do fiel amigo que, no 18 Brumario — na hora mais crítica e decisiva da sua vida — correra a colocar-se ao seu lado que Napoleão quís, primeiro do que a ninguem, colocár a coroa ducal.

— «Em nome do Império — disse êle — pela graça de Deus e pela vontade da Nação, eu te faço hoje, Lefevre, duque de Dantzig»!

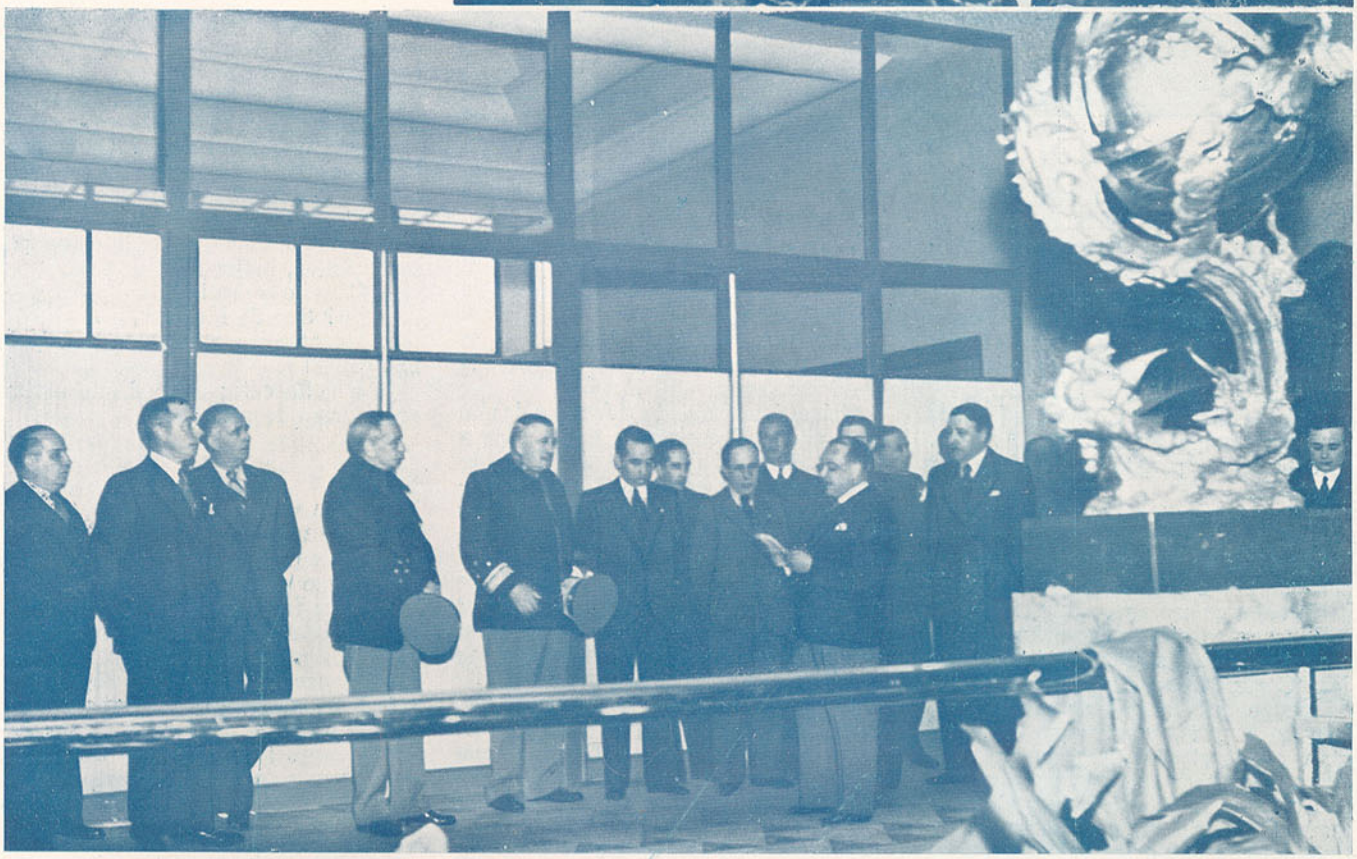
«E agora — acrescentou com um sorriso afectuoso — senhor duque de Dantzig, venha abraçar o seu Imperador».

EUNICE PAULA

FIGURAS E FACTOS



Um aspecto da sessão solene realizada na Academia das Ciências por motivo da passagem do Centenário de Júlio Deniz. *Em baixo:* O Chefe do Estado durante a cerimónia da inauguração, no Casino do Estoril, de um padrão comemorativo das viagens presidenciais às Colónias



Outro livro de Armando Ferreira, o tão fecundo quão apreciado escritor. Desta vez trata-se das *Aventuras de D. Martinho de Aguilar em Lisboa*, isto é, um moderno D. Quixote cheio de graça e fina observação que nos prende desde a primeira à última página

Teorias de Comércio é o título do novo livro do ilustre prof. dr. António Filomeno Lourenço de Sousa Leite, que, pela sua finalidade e valor, é o trabalho mais completo e perfeito no seu género, contendo tudo o que pode dizer respeito ao Ensino Técnico Profissional

O poeta António dos Santos e Sousa enfeixou os seus versos numa elegante volume que intitulou *Rimas que um coração ditou...* Partindo para as terras do nosso Império, quis deixar esta grata recordação a todos os seus amigos e admiradores. É uma estreia auspiciosa

O dr. Vicente Henriques de Gouveia, autor de muitas obras científicas acaba de refundir o seu estudo *A banana* (fruto de todo o ano, alimento medicamento) ilustrando-o com 41 gravuras. É o mais completo trabalho que ainda apareceu sôbre êste maravilhoso fruto

Coimbra à vista!

RECORDAÇÕES E APONTAMENTOS

Como fui estudar para a Lusa Atenas

NAQUELE dia — 1 de Maio de 1897 — embarcara em Mortágua, para Coimbra. Na estação da Pampilhosa, quando me dirigia ao combóio da linha do Norte, que já arfava na partida, dei conta dum velho boticário da minha terra, que prognosticára, desde a minha mais tenra meninice, que eu nunca faria caminho na vida. Era atilado...

Vinha também para Coimbra, e ficámos no mesmo compartimento de 3.ª classe. Risonhamente, perguntou logo que nos sentámos:

— Para onde vai o doutor?

— Vou, efectivamente, a formar-me...

Sacolejou o farto ventre, gargalhando, achando boa a pilhéria.

Eu tinha quinze anos.

Feitos os exames de instrução primária e de admissão aos liceus, o jóvem padre José Correia Lobo, bondoso amigo, habilitou-me aos exames de português e francês. Depois, quedara-me em leituras e contemplações, largo tempo... E agora, depois de uns mezes de aplicação quási auto-didactica, ia a Coimbra tomar lições que me preparassem a entrada no magistério primário.

Quis o Destino, porém, que, sem falhar ao sestro de professor, eu viesse a ser em Direito bacharel formado...

Chegando à Estação Nova, despedi-me do sarcástico conterrâneo, botei ás costas a bolsa de chita, que continha tôda a minha bagagem, e fui caminhando ao acaso.

Parei, ao topar com a igreja de Santa Cruz. E entrei. A impressão que me fez!

Eu estivera já em Coimbra por duas vezes, mas por poucos dias: não conhecia a cidade.

Ao saír do templo, sentei-me num degrau, cismando na minha pobre vida.

Acordou-me uma grande vozearia. Desfilava um cortejo, com bandeiras, estandartes... *Viva o povo trabalhador! Viva o 1.º de Maio! Abaixo o capitalismo!*

Aquilo tudo era novo para mim... Atirei a minha bolsa ás costas, e segui aquela procissão extranha. Alvoroçado, sentia bater o coração apressadamente.

Vi que eram operários; filho de ferreiro, neto de artífices e camponeses, a minha solidariedade com a sua causa foi instinctiva.

Mas para onde íamos? Pelo tom de guerra com que marchávamos, dir-se-ia que íamos atacar uma Bastilha.

Começámos subindo... Até que do alto dum oiteiro descobriu-se enfim tôda a cidade. E o sol doirava tudo! Por momentos a minha paixão da Natureza prevaleceu sôbre a da Justiça: o Mondego deslisava entre arvoredos; a água e a luz enfeitiçavam os meus olhos.

Mas o cortejo parára: chegáramos ao portão dum cemitério. Atravessámos por entre mármores, velados por ciprestes, e fomos dar a um vasto recinto, em que alvejavam raras campas razas.

Já um velho clamava, dentre a multidão. Quando consegui romper até perto dêle, outro operário discursava. De súbito, um homem fardado interrompeu-o. E o operário continuou, como se o não tivesse ouvido: bradava vingança sôbre os humildes covais. E eu tinha os olhos rasos de lágrimas...

O dr. Lopes de Oliveira aos 14 anos de idade

Então alguns outros homens fardados, ameaçadoramente, rodearam o orador.

Desembainhavam-se terçados: ergueu-se uma vozearia tumultuosa; como uma onda a multidão oscilou.

A minha saca tombára, e eu estava sôbre o monticulo de terra, donde se discursava. — *Fale! Fale! Deixem falar!*

E eu comecei falando... A minha voz soava-me como uma voz desconhecida, uma voz que vinha de muito longe, do passado ou do futuro. Uma fôrça extranha me impelia e me sustentava.

O que é que eu disse? Os homens fardados ouviam-me, como todos, silenciosamente. A minha comoção profunda comunicara-se à multidão!

Quando terminei, o velho, que primeiro falára, beijou-me.

— Quem é o menino?

— Eu? Sou de Mortágua...

E levantaram-me os braços daquela boa gente!

Já a noite caía; mas na minha alma uma aurora despontava.

* * *

Aquele santo velho levou-me ás Associações de Classe, onde fui tratado como um menino prodígio, com o poder miraculoso de fazer calar no Campo Santo os agentes de polícia... E durante anos, além dos meus estudos, não tive outra regular ocupação que não fôsse a de prègar ás massas proletárias!

Mas prègar o quê? De todo em todo me é impossível responder à pregunta — a 40 anos de distância, tendo passado tanta água sob as pontes e sôbre a minha cabeça tantos invernos.

Mas estou certo de que, no fundo, a doutrinação — palavra tão grave pode empregar-se em coisas de tanta simplicidade? — seria a mesma que hoje faria, se possível: — a piedade pelos fracos e desvalidos, a revolta perante tôda a tirania, a necessidade de entendimento cristão entre ricos e pobres, o trabalho resgatador, o progresso, a liberdade — a fraternidade no bem, na verdade, na justiça. Tudo isso, hoje simples palinódias, tinha bem sinceridade numa criança que era um homem, e é agora um homem que tantas vezes se sente criança — graças a Deus!

Singularíssima era, porém, a minha situação — porque aqueles camaradas das Associações de Classe eram todos, ou julgavam sê-lo, socialistas, e eu, de começo, não sabia nada de socialismo.

Data dêsse ano de 1897 ou de 1898 o meu encontro com António Ruas, nas aulas do Liceu.

António Ruas era de Coimbra; filho, como eu, de gente pobre, desde logo se estabeleceram entre nós laços de amizade que não mais se desataram.

Todavia nós eramos muito diferentes de temperamento, e, mesmo raciocinando, embora chegássemos às mesmas conclusões principais, o caminho do pensamento dir-se-ia que não era o mesmo. Por isso tanto divergiamos e discutiamos...

Êle — por ler ou por ouvir — era já entendido em Socialismo. Foi, pois, o meu iniciador.

Adquiri um livro de Emílio Laveleye, e fiz a sua leitura com um fervor de neófito. De todos os Mestres o que mais me impressionou foi o romântico agitador Fernando de Lassalle, cujos planos de reforma não implicavam uma revolução violenta.

O Ruas era da minha idade; tinha uma poderosa cabeça, uns olhos profundos; alto e magro, andava sempre apressado; e, falando, tinha um ar decidido de quem não está disposto a dizer só metade do que pensa.

Levei-o um dia a uma sessão solene (seria a do 1.º de Maio de 1898?) onde êle, antes de subir à tribuna, calçou umas luvas brancas, que, ao principiar a sua oração, foi descalçando lentamente, fitando o público espantado, e acabando por as depor sôbre a mesa ao lado do copo de água.

Em vão guerreei estas luvas, tão contrárias ao nosso credo: o Ruas habitualmente não as usava; mas nunca exerceu a sua missão de propagandista sem as tirar da algibeira e as exibir — como num cerimonial maçónico!

Naquele tempo nas assembléias de operários em Coimbra não era vulgar aparecerem estudantes, nem me recorda que alguém, a não sermos nós, fizesse proselitismo nas Associações de Classe.

Eu escrevia na *Resistência*, órgão republicano dirigido pelo professor de Direito, Dr. Guilherme Moreira, umas crónicas semanais: procurei levar o Ruas a colaborar, mas não o consegui — porque entendia manter severamente a sua intransigência com os burgueses...

Sobretudo êle era orador: amava o improviso, a eloqüência expontânea; eram-lhe quási odiosas as preparações estudiosas do discurso; sacudia a sua farta cabeleira, e investia contra as iniquidades sociais com a fúria do leão rugindo!

E passava no meio desta agitação como um isolado: acamaradava pouco; queria escolher os amigos, e seleccionava-os tão rigorosamente que raros guardava.

Foi-me sempre, porém, indulgente; o citadino Ruas encontrava, cuido, no camponês, que eu era e fiquei sempre, qualquer atractivo de rudeza nativa que o prendia.

Vista do Mondego

Quando morei aos Arcos do Jardim, êle passava comigo tardes inteiras. Conversávamos interminàvelmente... E, um dia, inventámos, para variar, um divertimento de que me lembro com certa confusão e muita saüdade.

O que inventámos nós? Representar peças de Teatro!

Destas peças da nossa autoria, só fixávamos, antes da representação, os lineamentos fundamentais: o assunto — a tese! — os personagens, o sentido geral da acção. Depois distribuiam-se os papéis. E, cabendo a cada um de nós dois, três e mais, improvisávamo-los, representando...

Estou certo de que eu complicava demasiado a minha colaboração cénica, porque, mais de uma vez, António Ruas, enfadado, forçando a necessidade duma saída pela porta da esquerda (tudo se passava no meu pequeno quarto) retirou para o corredor, e não voltou.

Eu assomava à janela, e já êle ia no Largo, e sem olhar para trás, por mais que o chamasse.

E outra forma de se desembaraçar da maçadoria, era também precipitar o desenlace: deixava-se cair sôbre a minha cama, jazendo empalidecido e imóvel — morto, é claro... — até que eu me resolvesse a mandar baixar o pano!

António Ruas partiu em 1899 para a África Oriental, a agenciar a vida. Voltando em 1905, pouco se demorou, seguindo para o Brasil. Aí labutou largos anos, com inteligência e honra.

E só por ter adoecido gravemente regressou a Portugal, onde ingressou no magistério das Escolas Industriais como professor de inglês.

Absorveram-no as lides jornalísticas na Figueira da Foz e em Viana do Castelo, onde dirigiu periódicos locais, e só agora, em Lisboa, se entregou a labor, não digo mais intenso mas mais avultante, à altura dos seus merecimentos literários.

Assim, traduziu os *Ensaios* do grande Macaulay, dos quais três volumes estão a saír do prelo, editados pela principal livraria do Estado de S. Paulo.

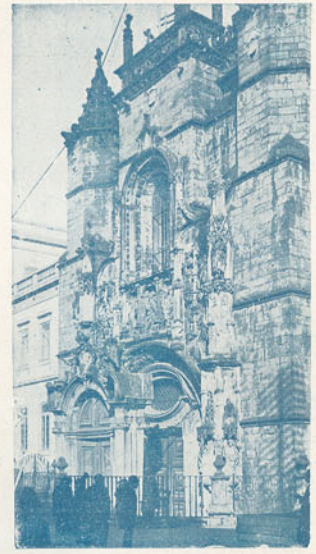
E acaba de publicar uma obra, que verdadeiramente se pode classificar de notável: — *Questões de hoje e de amanhã*.

Dela quero tratar, mas não aqui, onde estou traçando simples *recordações e apontamentos...*

Só direi que quem ler *Questões de hoje e de amanhã* poderá duvidar de que haja sido um português quem tenha escrito tais páginas — tão diferentes são dos outros prosadores nossos o seu estilo, os seus processos vigorosos de análise, a energia máscula do seu pensamento.

Pois é um português António Ruas — e um português de lei!

LOPES D'OLIVEIRA



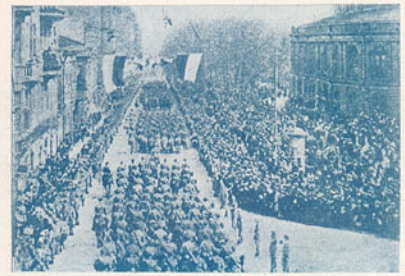
Igreja de Santa Cruz

VISTAS DA HERÓICA FINLÂNDIA

Em cima: O marechal Mannerheim, chefe supremo do Exército finlandês que está assombrando o Mundo com a sua heroicidade. — *Ao lado:* Uma gentil voluntária finlandesa. — Uma evocação de há vinte e um anos: O desfile dos primeiros voluntários finlandeses que, em 1918, partiram para a frente de combate contra os russos, sob o comando de Mannerheim. — *Em baixo:* O Presidente da República da Finlândia, sr. Kallio, com sua espôsa

Luta de Vainamoinen e de Lonhi que tenta apossar-se do talismã «Sampo» que dá a felicidade, segundo um mito finlandês. — *Em baixo:* A Maternidade modelar de Helsingfors

Um veterano da Milícia Nacional da Finlândia preparando o seu equipamento para entrar novamente em luta pela Pátria



Tropas finlandesas desfilando há vinte e um anos, nas ruas de Helsingfors após a vitória. A multidão entusiasmada aclamava os vencedores que, além da independência da Pátria, eram portadores de certeza de ter acabado a guerra

Um acampamento de finlandeses aguardando a investida dos invasores russos. Como há vinte anos êste povo indomável e patriota defende com o seu sangue a terra que lhe foi berço. No fim de contas, os propagadores do tal comunismo que execrava a guerra, pretendendo nivelar o Universo numa estupida farsada desmascaram-se por fim, espalhando a morte e a destruïção sôbre mulheres e crianças! — *Em baixo:* Um trecho de Helsingfors, capital da Finlândia, considerada a cidade branca do norte

Hore-Belisha saíndo do ministério da Guerra francês após ter conferenciado com Daladier

O HOMEM QUE NUNCA MENTIU

Hore-Belisha, ministro do maior império do Mundo

QUEM é Hore-Belisha, o extraordinário homem de quarenta e quatro anos que hoje governa, dirige e faz transportar diàriamente para França enormes contingentes de «Tommies»?

«Migalha de gente», segredavam os seus adversários conservadores, quando da sua primeira eleição como membro parlamentar do Partido Liberal, em Davenport, ou o «imitador de Disraëli», o primeiro ministro que deu projecção no tempo e no espaço à obra gigantesca da Rainha Vitória, «the great Victoria», espectro permanente que protege e ampara a unidade do Império Britânico.

Não se importou o jovem deputado com os ataques dos adversários e, após a guerra de 1914, onde conquistou citações sôbre citações, entregou-se denodadamente ao árduo trabalho de demolir algumas das tradições absurdas da vida inglêsa.

Ministro dos Transportes, moderniza e arruma o trânsito; ensina os peões a protegerem-se dos automóveis e os automóveis a cuidarem da vida dos peões; cria modêlos de faróis, ilumina as ruas; dá ritmo ao movimento dos transportes colectivos, ridicularizando na Câmara dos Comuns os adversários da sua obra.

Londres, a capital do movimento, entrecruzada de pequenas passagens e de sinuosas vielas, populariza o seu ministro, o garoto modêlo da Escola de Clifton, ex-campeão dos 200 metros, que recitava baixinho discursos de Bossuet e procurava, mantendo superior dignidade, dizer sempre a verdade a tempo e horas.

A vida de Hore-Belisha, o solteirão impenitente, é um exemplo de invulgar tenacidade. Órfão de pai desde os cinco meses, sua mãe, Lady Hore, casada em segundas núpcias, com Sir Adair Hore, Secretário Permanente do Ministério das Pensões, cuidou da formação moral do filho com rara ternura, emprestando-lhe certa visão interior das coisas e das pessoas, característica essencial dos da sua raça.

Da rara linhagem dos grandes políticos inglêses, dos Pitt, de Gladstone, de Disraëli, Hore-Belisha, a «migalha de gente» que hoje ocupa no gabinete inglês e na consideração dos povos do Império o lugar prestigioso de Lord Kitchener, é um orador admirável, dos primeiros oradores da Inglaterra, vagamente literário, dando à língua inglêsa uma plasticidade quási-latina.

Quando fala na Câmara é escutado em silêncio pelos representantes de todos os partidos, e seus discursos, calmos ou inflamados, sempre construtivos, constituem matéria de ponderação e ensinamento. Belisha fala quando tem alguma coisa a dizer ao povo inglês e o povo inglês sabe, e reconhece, que Belisha só lhe comunica coisas úteis quando tem coisas úteis para lhe comunicar.

Há muitos pontos de contacto entre o Presidente Roosevelt e Belisha, entre êste e o Duque de Windsor, seu camarada favorito na guerra de 1914.

Os três são vivos e enérgicos; os três têm o condão de despertar o subconsciente das massas, arrastando-as para o sentido integral e exacto.

O actual Ministro da Guerra iniciou a sua carreira política como Secretário Parlamentar do Ministério do Comércio e, mais tarde, ocupou o lugar de Secretário Financeiro do Tesouro, lugar que o colocou às portas do gabinete inglês, mas uma combinação política, necessária de momento, demorou a sua entrada no Govêrno: a nomeação para o Ministério dos Transportes, lugar insignificante que êle transformou, dando-lhe invulgar publicidade.

Durante semanas, meses, anos, Belisha ocupa as primeiras páginas dos jornais; as transformações que introduz no seu departamento são tão graves, inesperadas e importantes que o Ministério dos Transportes é o motivo de tôdas as conversas, preocupa sèriamente Londres.

Chamberlain, seu admirador incondicional, entrega-lhe a pasta da guerra em Maio de 1937. Experiência definitiva.

Belisha modifica, então, a sua técnica política; torna despercebido o seu novo Ministério, cuja importância na vida inglêsa todos conhecem ou adivinham.

Durante meses o seu nome é esquecido, ninguém dá por êle, ninguém fala nêle; os jornais perdem-no, deixam de publicar as suas caricaturas; Belisha deixou de ser o «primeiro» acontecimento; prolongam-se as permanências na casa de campo, mas pouco ou nada conversa com os trabalhadores da sua pequena casa rural.

Certo dia os velhos generais, anquilosados pela idade, e os oficiais superiores sentem o terreno minado, faltam-lhes o chão debaixo dos pés, adivinham que alguma coisa de muito profundo se passa no sub-solo: a reforma do exército.

Reaparece tonificado o antigo Ministro dos Transportes, volta à primeira página dos jornais, as principais revistas do mundo publicam a sua biografia.

Desta vez não se trata de combater a morte dos peões nas estradas, ou da criação de um novo modêlo de farol para o trânsito; trata-se simplesmente de modificar tôda a mecânica do Ministério da Guerra, da substituição de um exército de parada, feito para o render da guarda, por um exército forte, destinado a defender a honra do Império Britânico, ameaçado de morte pelos manejos e ambições militaristas da Alemanha, tal como em 1914.

O velho exército, recrutado entre os privilegiados da sorte ou do dinheiro, recebera golpe de morte. Velozmente sucedem-se as reformas: a grande maioria dos oficiais generais são postos de lado, passam à reserva, desaparecem do primeiro plano. A varinha mágica de Belisha descobrira dois chefes de prestígio: Visconde de Gort e Ironside.

A «migalha de gente» volta a dar que falar; mas desta vez quando os políticos acordam encontram os campos semeados de quartéis modernos, confortáveis e higiénicos, e um exército apetrechado e útil, constituído pelos «Tommies», que neste momento ocupam um dos sectores mais importantes da linha Maginot.

O milagre realiza-se em dois anos e em dois anos passa-se do recrutamento de voluntários à obrigatoriedade do serviço militar, em tempo de guerra, exemplo único na história de Inglaterra.

O tempo, o grande historiador que os homens contrariam a cada instante, dera razão ao pobre e infeliz Príncipe Alberto de Hanover!

O antigo aluno de Oxford, o perigoso jornalista político do «Sunday Express», transformara-se num estratégico de primeira grandeza.

A travessia diária do Canal da Mancha, homens e material, o mais moderno material de guerra e o melhor da juventude inglêsa, confiada e contente, constitue uma das grandes vitórias — e a Inglaterra inteira reconhece que essa vitória se deve exclusivamente ao génio organizador de Hore-Belisha.

A regularidade das expedições das tropas inglesas para França afirmou para sempre o valor do jóvem Ministro da Guerra, que os vaticinadores políticos mais exigentes julgam ver um dia instalado em Downing Street, 10, ostentando orgulhosamente a capa de Disraëli, o grande Lord Beaconsfield.

Pode afirmar-se que Hore-Belisha foi o homem que traçou conscientemente o seu próprio destino, mas através da sua obra genial não é difícil descortinar a sombra amorosa de uma mulher, Lady Hore, sua mãe e sua única paixão, que lhe emprestou a visão certeira e o optimismo, factores importantes para a vida política inglesa.

Eu vi Hore-Belisha quando estive últimamente em Inglaterra, verão dentro, no dia do regresso dos Reis, após a triunfal viagem ao Canadá e aos Estados Unidos da América do Norte. Conversava com o Primeiro Ministro e sorria.

E' baixo, corpulento, ágil, elegante, cabelos cobreados, vagamente patinados de branco, descobrindo-se fàcilmente o homem habituado à prática dos desportos, o antigo foot-bolista, o actual jogador de «golf» e rachador de lenha, cujos olhos azues denunciam uma vontade forte, inquebrantável.

Não posso esquecer «Victoria Station», a tarde do regresso dos Reis de Inglaterra. Foi a primeira vez que vi os inglêses, grandes crianças loiras, despreocupados de tudo, gritando e sorrindo — uma grande alegria infantil difícil de contar —, porque os Reis voltavam para casa, para o «home» de Londres.

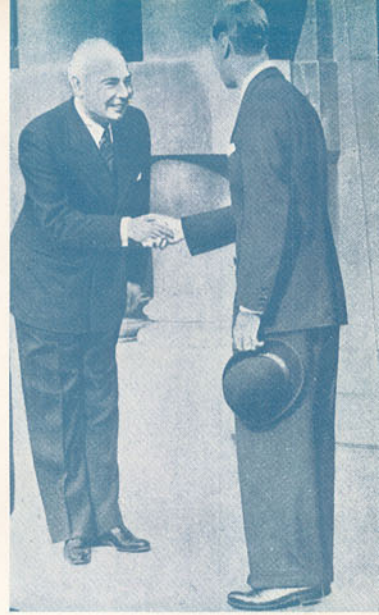
«Welcome home» era o grito da multidão apaixonada! Compreendi, então, pela primeira vez o enraïzado prestígio da Casa Real Inglesa, a alegria natural, humana, da Rainha Elisabeth; a gravidade fraterna do Rei Jorge VI; a graciosidade das duas princesinhas, cujos sorrisos a multidão desejava guardar para sempre no fundo dos seus grandes olhos azues.

Tarde de sonho, a primeira vez que vi Hore-Belisha, o Ministro da Guerra, que hoje ocupa o lugar de Lord Kitchener, de cuja morte misteriosa o mar esconde o segrêdo para sempre.

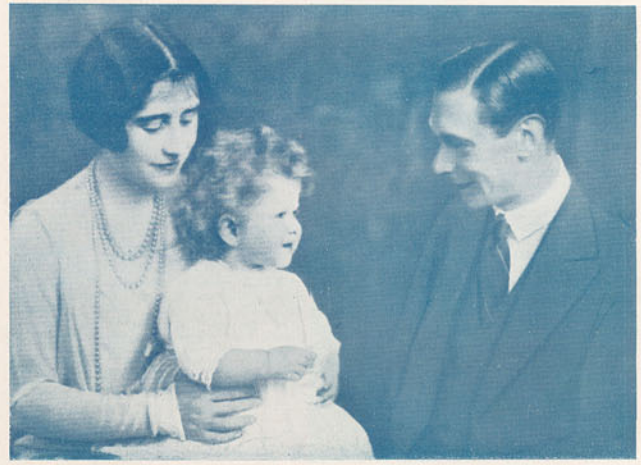
AUGUSTO DE ESAGUY.

S. M. o rei Jorge VI

Lord Chatfield, ministro da Coordenação da Defesa e Hore-Belisha, ministro da Guerra



O rei Jorge VI cumprimenta e felicita o seu ministro da Guerra



O rei Jorge VI com a rainha e a princesinha Isabel quando esta tinha apenas três anos

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No «Politeama»

Na tarde de sabado, 9 do corrente, realisou-se no Politeama, uma festa de caridade, organisada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, sob a presidencia da sr.ª condessa de Sabugosa e de Murça, e da qual faziam parte as seguintes senhoras:

Condessa das Alcaçovas, condessa de Cabral, condessa de Murça, condessa de São Lourenço, condessa de São Tiago, D. Josefina Morales de los Rios Frois, D. Maria Amélia de Carvalho Daun e Lorena Pereira da Cunha, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Maria de Lancastre Van-Zeller, D. Maria de Oliveira Reis, marqueza de Tancos, D. Tereza de Siqueira da Cunha, e viscondessa de Santarém, e cujo produto se destinava a favor do Seminário de Santa Terezinha, em Felgueiras, constando de um belo programa de cinema.

A comissão organisadora deve de-certo ter ficado plenamente satisfeita, com os resultados obtidos tanto debaixo do ponto de vista financeiro, como mundano.

Casamentos

Na paroquial do Coração de Jesus a Santa Marta, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Lêda Coller, gentil filha do sr. dr. Lindolfo Coller, com o sr. dr. Arnon de Melo, director dos «Diários Associados», do Brasil, delegado da Associação Brasileira de Imprensa, junto da comitiva que acompanhou o ilustre chefe do Estado Português, senhor general António Óscar Fragoso Carmona, na sua última viagem às colónias, filho do sr. Manuel Afonso de Melo.

Serviram de padrinhos do acto religioso por parte da noiva, sr. dr. Luís Capregline e esposa, que se fizeram representar pelo sr dr. Carlos Thompson Flores, ilustre secretário da Embaixada do Brasil, e por parte do noivo o sr. dr. Artur Guimarães de Araujo Jorge, ilustre Embaixador do Brasil, em Portugal, e sua esposa.

O acto civil efectuou-se no consulado do Brasil, servindo de padrinhos por parte da noiva, seus pais e o sr. dr. Joaquim Pires Ferreira e esposa, representados pelo consul sr. Octávio de Brito, e do noivo o sr. dr. António Sanches de Larragoiti, ilustre escritor e presidente da Companhia de Seguros Sul-Americana, e esposa.

Terminada a cerimónia religiosa, seguiu-se uma recepção no palácio da Embaixada do Brasil, à rua António Maria Cardoso, que decorreu muito animada.

— Na capela do Solar das Arcas, em Macedo de Cavaleiros, celebrou se o casamento da sr.ª D. Maria Inez Pessanha do Lage (Arcas), interessante filha dos srs. visconde das Arcas, com o sr. Manuel José Monteiro.

Fôram madrinhas a mãe e a irmã da noiva, sr.ª D. Maria Beatriz Pessanha Pereira de Lago Montanha, e padrinhos os srs. comandante Jaime de Sousa, representado pelo sr. Francisco de Souza Ataíde Pavão e Alberto Ataíde Pavão.

Finda a cerimónia foi servido no salão de meza do Solar das Arcas, um finíssimo lanche.

Os noivos a-quêm fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, seguiram em digressão pelo país, onde fôram passar a lua de mel.

— Em Braga, na capela do Paço Arquiepiscopal, presidido por Sua Excelência Reverendissima o senhor Arcebispo Primaz D. António Bento Martins Junior, que no fim da missa pronunciou uma comovente alocução, celebrou-se com extraordinário brilhantismo, o casamento da sr.ª D Maria Edite Braga de Melo Araujo, gentil filha da sr.ª D. Edite Braga Rodrigues de Morais, e do sr. dr. Eurico Gonçalves de Melo Araujo, já falecido, e enteada do sr. Durval de Vasconcelos Rodrigues de Morais, inspector no Norte, da Companhia Shell, com o dr. Joaquim da Cunha Reis, ilustre procurador à Câmara Corporativa, filho da sr.ª D. Maria de Assunção de Almeida e Noronha (Angeja), e dô sr. Guilherme de Abreu Bacelar da Mota Godinho Reis, já falecido.

Serviram de madrinhas da noiva as sr.as viscondessa de Paço Nespereira e viscondessa de Paço Nespereira (D. Maria), que se encontrava doente, e se fez representar por sua gentil neta a menina Maria João do Amaral Cardoso de Menezes Montengro (Paço de Nespereira).

De caudatária da noiva, serviu a menina Maria da Conceição do Amaral Cardoso de Menezes Montenegro (Paço de Nespereira).

Acabada a cerimónia religiosa, foi servido no salão da mesa da elegante residência da mãe e do padrasto da noiva, um finíssimo lanche.

Na assistencia à cerimónia viam-se as senhoras:

Viscondessa do Paço de Nespereira e filhas D. Maria das Dores, D. Maria Tereza, D. Maria João e D. Maria da Conceição; Viscondessa da Gramosa, Viscondessa do Pêso da Régua, D. Francisca Pereira da Silva e Sousa de Menezes (Bertiandos) D. Maria Eduarda de Noronha Portugal, D. Maria Ana da Cunha Reis, D. Maria Cândida da Cunha Reis Rodrigues, D. Maria Ade aide Braclamy de Paiva de Faria Leite Brandão e filhas D. Maria Francisca e D. Vera; D. Maria Rufina de Figueiredo da Silveira Coutinho Vilhena, D. Maria Tereza de Melo Falcão de Azevedo Abranches de Lemos e Menezes, D. Eulalia Carvalho e Almeida, D. Sofia Carvalho e Almeida, D. Maria Adelaide Carvalho Rebelo e Almeida (Gramosa), D. Maria das Dores Meireles Saldanha de Castro, D. Maria José de Melo Pastana, D. Maria Rita de Magalhães Abreu Coutinho, D. Maria Carlota Meireles de Lacerda, D Maria Carlota Pais de Sande e Castro de Sequeira, D. Maria Adelaide Gomes da Silva e Matos de Sousa Cardoso, D. Maria Delfina da Silva e Matos de Sousa Cardoso, D. Aida Sá Chaves, D Zulmira Sameiro, D Cinira Genoveva de Magalhães Ferreira de Melo, D. Maria das Dores Portilho de Magalhães Pacheco Pereira Leite de Vasconcelhos e irmã, D. Lilian de Ramirez, D. Maria Inácia de Alpoim, D. Flora Tristão de Alpoim, D Doroteia Louro, D. Maria Wan Zeler Leitão, D Maria da Conceição Gouveia de Azevedo de Castro Lemos e filha D. Maria José; D. Maria Benedicta Oriol Pena, D. Maria da Visitação dos Anjos Santa Marta, D. Maria de Jesus dos Anjos Santa Marta, D. Guiomar Adelaide do Vale Campos Barreto, D. Maria Augusta do Vale Abreu Caldas Bacelar, D. Otília de Sá, etc., etc.

E os senhores:

Conde de S. Martinho, Conde de Carcavelos, Conde de Casal Ribeiro, Barão de S. Lazaro, Coronel Alexandre de Paiva de Faria Leite Brandão, Coronel Duarte de Figueiredo do Nascimento Veiga, Dr. Manuel Paulo de Castro Lemos, Dr. António Eduardo de Azevedo Abranches de Lemos e Menezes, D. Ascenso Siqueira Freire (S. Martinho) Joaquim da Cunha Reis, Capitão Caetano da Cunha Reis, Guilherme da Cunha Reis, Alvaro da Cunha Reis, Dr. Francisco de Araújo Malheiro, António de Vilhena, Padre João Rodrigues, Padre António Maria Meireles Leite de Castro, Padre Isidoro Francisco de Meireles Pereira Leite Teixeira Coelho, Dr. António Maria Ribeiro de Meireles, Engenheiro Agronomo Manuel de Clemause Browne Van Zeller, Dr. António Vilas Boas e Alvim, Alexandre José Sarsefield Rodrigues, Afonso de Albuquerque Vasconcelos, Dr. António Pestana, Henrique Manuel da Cunha Pimentel, Martinho Pinto de Queiroz Monteiro, Gaspar Ribeiro Pereira de Sameiro, Vasco Ribeiro Pereira do Sameiro, Dr. Fran isco Meireles Saldanha de Castro, Jaime Leitão, José do Carmo Daun e Lorena (Pombal), António Raimundo Pimenta da Gama, Dr. António de Vasconcelos Pereira de Lacerda, Tenente João Leite Castelo Branco Paiva Brandão, Primeiro Tenent Alexandre Castelo Branco de Paiva Leite Brandão, Fernando Anderson, Tenente Gonçalo Meireles Teixeira Coelho, Mário Ferreira de Melo, Engenheiro José Ferreira de Melo, Mário Sá Chaves, Alferes Pinto, Dr. Alberto Maria Ribeiro de Meireles, etc., etc.

Os noivos a quêm fôram oferecidas grande número de valiosas e artisticas prendas seguiram em viagem pelo país, onde fôram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na paroquial dos Anjos, o casamento da sr.ª D. Maria da Graça Firmo Cunha, interessante filha da sr.ª D. Madalena Alice Firmo Cunha, e do sr. Júlio Casimiro Cunha, com o sr. Cezar Augusto da Silveira Machado; filho da sr.ª D. Suzana da Silveira Lourtie, e do sr. Alberto Lourtie, tendo servido de padrinhos por parte da noiva, sua irmã a sr.ª D Maria Madalena Firmo Cunha e seu tio o sr. João Eleutério Cunha, que se encontram na Madeira, e se fizeram representar pelos pais da noiva e por parte do noivo sua mãe e o sr. Manuel Henrique de Carvalho.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência da mãi do noivo um finíssimo lanche.

Os noivos a-quêm fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, partiram para o Buçaco, onde fôram passar a lua de mel.

— Na paroquial da Graça, celebrou-se com a maior intimidade o casamento da sr.ª D. Maria Clotilde Salgado Ferreira, gentil filha da sr.ª D. Clotilde Otero Ferreira e enteada do distinto clínico e capitão de infantaria sr. dr. Manuel Otero Ferreira, com o sr. D. Luís Eduardo Braga de Borges de Castro. estudante de medicina e secretário geral da Grande Eciclopédia Portuguesa e Brazileira, filho da sr.ª D. Ofélia Braga Borges de Castro, e do sr. D. José Borges de Castro, ausente no Brazil, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Sará Otero Salgado e D. Júlia Ferreira Otero e padrinhos o sr. Policarpo de Sousa Otero Salgado, importante proprietário e o padrasto da noiva. Presidiu ao acto o prior da freguezia, reverendo Joaquim Frazão, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, sendo acolitado durante o acto pelo reverendo Souza.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residencia da mãi e do padrasto da noiva, à Avenida da República, um finissimo lanche. Os noivos a-quêm fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, partiram para o Estoril, onde fôram a lua de mel, seguindo dalí em digressão pelo país.

— Realizou-se o casamento da sr.ª D. Hulia Augusta de Sá Morais, gentil filha da sr.ª D. Cândida de Sá Morais e do sr. José Maria de Sá Morais, com o sr. Joaquim Marques de Sá filho da sr.ª D. Maria Rosa Ferreira da Silva de Sá e do sr. Manuel José Marques de Sá, tendo servido de padrinhos por parte da noiva a sr.ª D. Maria Alexandrina Azevedo e o sr. António Furtado e por parte do noivo a sr.ª D. Maria Luiza Ferreira Martins e o sr. Afonso Martins Júnior.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche.

Os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, seguiram para Esmeriz, onde foram fixar residência.

— Realizou-se o casamento da sr.ª D. Elvira Augusta de Sousa, interessante filha da sr.ª D. Maria Luiza de Sousa e do sr. Alvaro Ramiro de Sousa, com o sr. Jorge Furtado Morgado, filho da sr.ª D. Izabel Furtado Morgado e do sr. Gustavo Morgado, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Judite Isaura de Sousa e D. Piedade Sá Pereira e de padrinhos os srs. Jaime Augusto Morais e Fernando Furtado Morgado.

Acabado o acto foi servido, na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche.

Os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, seguiram para a sua casa de Agualva, onde foram passar a lua de mel.

— Em Braga, celebrou-se na Sé, o casamento da sr.ª D. Albertina Esteves de Abreu e Couto, gentil filha do falecido proprietário sr. Guilherme Firmino de Abreu e Couto, com o sr. Gonçalo José Fernandes Lopes, filho do sr. Alberto José Lopes, funcionário da Direcção Escolar de Braga.

Foram madrinhas as sr.as D. Gabriela de Abreu Aguiar Fonseca e D. Maria das Dores Fernandes Barros, tia do noivo, e padrinhos o pai do noivo e o sr. Amadeu Ferreira.

Acabada a cerimónia, foi servido na elegante residência do noivo, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Presidido pelo prior de Santo António dos Olivais reverendo Estrela Ferraz, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocucão, celebrou-se na Egreja da Rainha Santa, em Coimbra, o casamento da sr.ª D. Catarina Luiz Ferreira Bastos, interessante filha da sr.ª D. Eliza Lopes Pires e do sr. Francisco Ferreira Bastos, com o distinto clinico sr. dr. António Jacinto Pinto, filho da sr.ª D. Olímpia de Jesus Silva e do sr. Joaquim Manuel Pinto.

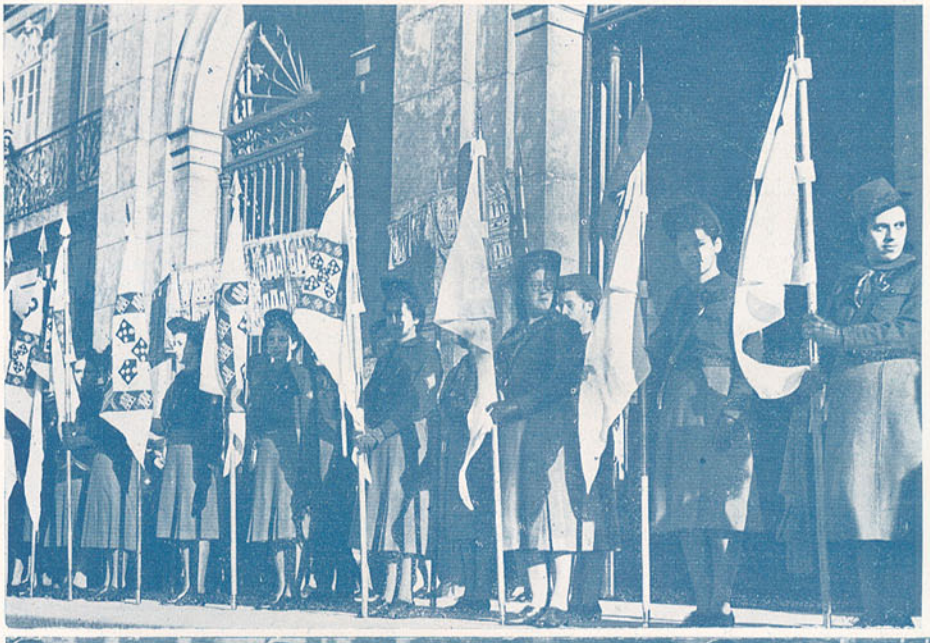
Serviram de madrinhas as sr.as D. Sofia Matos Viegas e D. Alzira Mendes Caeiro, e de padrinhos os srs. António de Oliveira Campos e Vítor Júlio Caeiro.

Em seguida à cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência do tio da noiva, sr. António de Oliveira Marques.

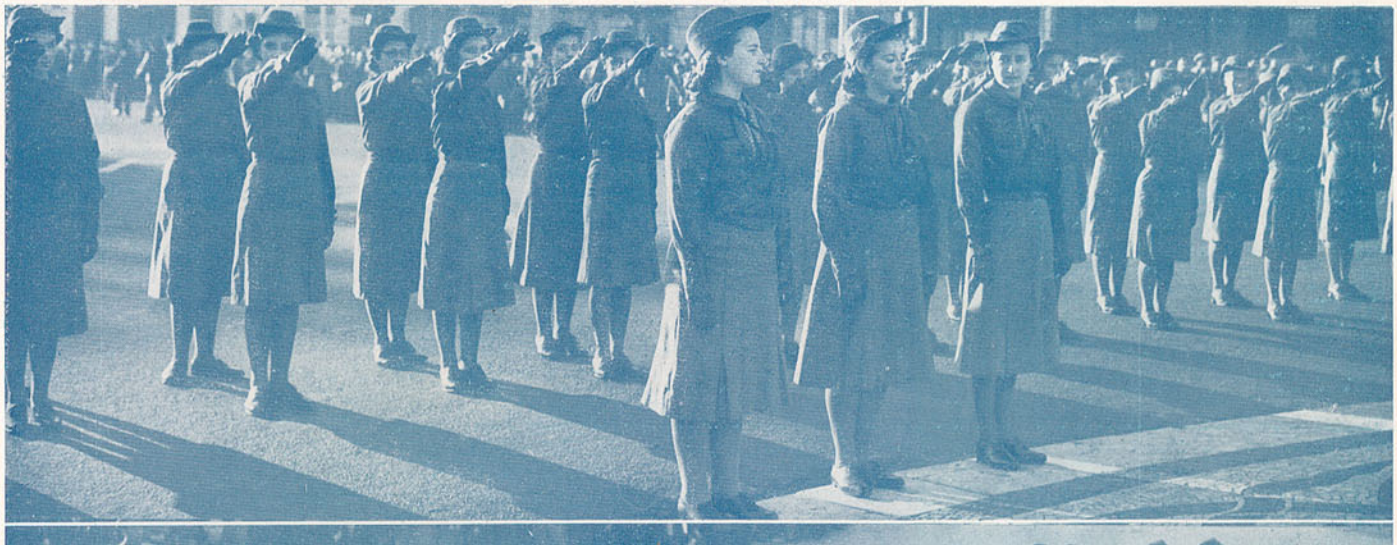
Os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, partiram para o Algarve, onde foram passar a lua de mel.

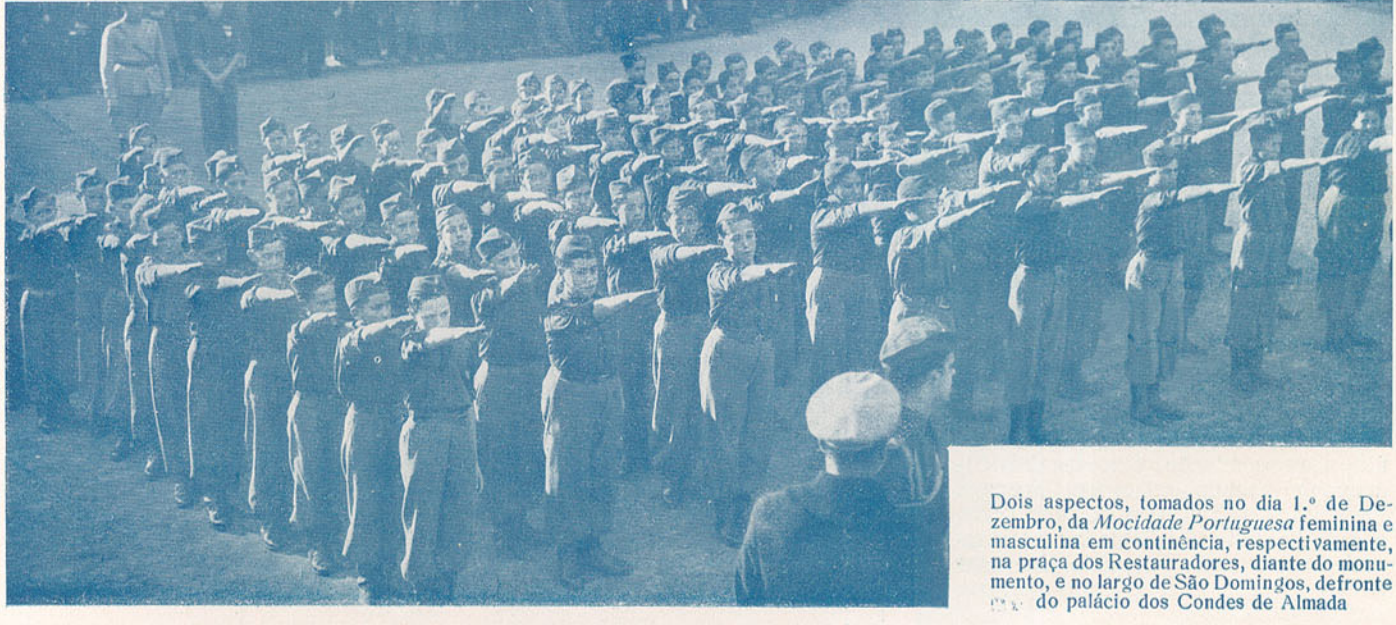
D. Nuno

AS COMEMORAÇÕES DE 1 DE DEZEMBRO



O Chefe do Estado depondo um ramo de flores na base do monumento aos Restauradores e *(à esquerda)* algumas filiadas da M. P. Feminina à porta da igreja da Trindade, no Porto, durante a celebração de uma missa





Dois aspectos, tomados no dia 1.º de Dezembro, da *Mocidade Portuguesa* feminina e masculina em continência, respectivamente, na praça dos Restauradores, diante do monumento, e no largo de São Domingos, defronte [illegible] do palácio dos Condes de Almada

NAPOLEÃO E JOSEFINA

DE COMO O CÔRSO VENCEU A CRIOULA

Napoleão na ponte de Arcole

NINGUÉM em sua casa é herói e muito menos o foi o grande Napoleão, aos olhos da sua primeira espôsa, Josefina de Beauharnais.

Numa noite do ano de 1795 a bela crioula foi apresentada em Paris a um jóvem oficial do exército, que se chamava Napoleão Bonaparte e que começava a criar um certo nôme, porque tinha abafado uns motins na capital, feito para o qual havia sido encarregado pelo Directório. Com o auxílio dos quarenta canhões, que lhe haviam confiado, tinha-se desempenhado cabalmente da sua missão e principiava assim a bafejá-lo a fortuna das armas; era um homem com futuro, dizia já a opinião pública.

Madame de Beauharnais, com algum espírito e maldade, ria, com os seus amigos, a respeito daquele *drôle de Bonaparte* que não sabia vestir-se e pouca graça tinha, além do que, para um rapaz de vinte e seis anos, sabia tão pouco do mundo...

Madame de Beauharnais tinha trinta e três e muita experiência da vida e olhava para Napoleão como quem olha para um fenómeno, sem ainda ter fixado bem no seu espírito se o fenómeno era para admirar ou não, mas como Napoleão começava a ter bastantes relações e alguma influência, podia muito bem ser que lhe arranjasse, de vez em quando, bilhetes para o espectáculo e poderia acompanhá-la de noite às *soirées* que freqüentava.

Uma tal amizade podia, pois, ser-lhe útil, mas as relações entre os dois começaram repentina e inesperadamente a tornar-se sérias, quando êle, uma noite, depois de lhe ter freqüentado a casa durante alguns meses, preguntou à encantadora Josefina se ela não o quereria aceitar por marido.

A proposta surpreendeu-a e lisonjeou-a. O primeiro marido tinha sido um desastre e tinha desaparecido era ela ainda muito nova, e depois nunca mais pensára em tornar a casar. A idade ia avançando; a figura continuava a ser elegante e esbelta; sabia pintar se melhor do que nenhuma mulher da França; só os dentes é que iam gradualmente tomando um tom amarelado e por isso tinha-se habituado a rir com a bôca fechada.

Tinha dívidas, que aumentavam constantemente e consoante o trem de vida elegante que levava; além disso, era necessário pensar no futuro dos dois filhos, que casualmente tinham uma verdadeira admiração por Bonaparte e êste por êles.

Preferia casar-se com algum daqueles rapazes elegantes e divertidos com quem costumava dançar. Todos a admiravam mas nenhum apresentava a candidatura a futuro espôso; os casamentos estavam fora de moda.

Todos lhe faziam a côrte como faziam a outras mulheres elegantes, durante anos, enquanto a beldade conservasse a beleza, mas quanto a casamento... o caso era diferente.

Apresentava-se uma ocasião única, um amparo para a vida, que não era para rejeitar.

No dia 9 de Março de 1796 Josefina e Napoleão contraíram os sagrados laços do matrimónio, perante o oficial do registo civil, não tendo havido cerimónia religiosa; dois dias após o casamento, o marido partia para a primeira campanha de Itália, investido no alto comando das fôrças, cargo que lhe havia sido confiado a seu pedido.

Entre os dois esposos trocaram-se cartas concebidas nos mais lindos termos, que só uma paixão profunda pode inspirar.

Para Josefina aquelas cartas escritas numa linguagem ardente, eram uma surprêsa; a intensidade de sentimentos que revelavam, causavam-lhe embaraços e receava não poder responder no mesmo tom.

A correspondência entre estas duas personagens históricas goza hoje de uma fama mundial. Dizia Napoleão: «Nunca na minha vida senti uma meia paixão. Só posso e sei sentir profundamente. A paixão que sinto por ti não tem limites... esmaga-me. É como uma embriaguez que me tira as fôrças... Adeus, esposa, meu tormento, minha felicidade, única esperança e alma da minha vida, a quem amo e temo».

Uma tal veemência de expressões e tão intensa paixão não eram de bom tom na sociedade a que Josefina pertencia, nessa sociedade de aristocratas cínicos pela obrigação, em que se viam, de se curvarem perante a Revolução.

Às vezes Josefina mandava a sua criada de quarto ler as cartas do seu apaixonado, que chegavam com regularidade pela posta de Itália e cheia de vaidade mostrava-as às amigas; no seu íntimo, porém, maçava-a esta paixão tão ardente e infantil.

Enquanto Napoleão, longe e solitário, entre batalhas, ardia com a paixão de um primeiro amor, Josefina em Paris não perdia uma festa e em divertimentos gastava à larga o dinheiro do marido; por tôda a parte tinha amigos, dos quais um gozava de intimidades que, certamente, não seriam do agrado de Napoleão. Êste censurava-a porque não lhe escrevia mais a miúdo e, quando o fazia, era em cartas demasiadamente curtas; um dia convidara-a a visitá-lo na sua nova capital de Milão, que as tropas francesas acabavam de tomar.

Josefina riu da ideia do marido; abandonar Paris... o seu querido Paris e viajar aos trambulhões, por essa Itália! Que ideia! Nem pensar nisso!... Desculpava-se com muitas explicações... estava doente... esperava um bébé, fruto do amor de ambos.

Tudo lhe servia de pretexto, certa do império que exercia sôbre êle, mas Napoleão, por fim, servia-se do Directório para obrigar a esposa a ir para a sua companhia; o Directório, porém, interessava-se mais pela continuação da luta e ainda se passou algum tempo antes de Josefina partir ao encontro do marido.

Só então se persuadiu de que era a espôsa de um grande homem, que ganhara glória bafejava; Napoleão conseguia sair sempre vitorioso de todos os seus empreendimentos.

A espôsa, naturalmente, compartilhava da fama e popularidade do marido; o exército acarinhava-a e tributava-lhe o maior respeito. Era notável de atravessar, por entre vivas e aclamações, as ruas das diferentes cidades de Itália, cujo povo imaginava que Napoleão lhe tinha trazido a liberdade.

Todavia, bandeiras desfraldadas, rumor do rodado de canhões, apoteoses frenéticas, tudo contribuiu por abrorrecer à mulher elegante. Não via a necessidade de causar a morte a tantos milhares de homens e os planos do marido a respeito de novas conquistas e novas carnificinas eram-lhe desagradáveis.

O seu espírito ultra-feminino não compreendia os intuitos superiores de tanta desgraça e ansiava por encontrar de novo o seu Paris... e o amante. Aquele amor violento do cabo de guerra e a maneira como o manifestava incomodavam-na.

Êle não a divertia e ela não podia sentir paixão por quem não a divertisse; Napoleão, como muitos homens de génio, era às vezes desastrado e ridículo e nos olhos da espôsa êsses defeitos tomavam um maior vulto.

Admirava-o, mas não podia concordar com os processos napoleónicos de dominar tudo e todos. Dominasse todos, menos a ela porque tudo quanto ela quisesse êle o fazia apesar de ver bem que ela o não amava. No entanto não lhe queria mal por ela ter casado com êle sem lhe ter amor. «Eu é que tenho culpa de ela me não amar, porque me faltam os atractivos necessários para lhe agradar»; de uma vez escrevia-lhe: «A natureza dotou-me de um génio enérgico e decidido; tu nasceste de rendas e gazes finas».

Às campanhas de Itália atingiam o seu fim glorioso e o vencedor coberto de glória regressava a Paris para colher os loiros do triunfo.

Regressava porém sem a espôsa, porque Josefina acabara, finalmente por se encontrar bem em Itália e não tinha pressa de regressar. A cidade de Paris tinha preparado um grande baile de recepção ao general vencedor, que se adiou várias vezes, até à chegada de Josefina, que durante tôda a noite do baile mostrou um grande mau humor. Todos os convidados deram por isso; aborrecia-a que tôdas as homenagens fôssem ao marido e não a ela, habituada a ver todos os homens a seus pés.

A indiferença pelo amor do marido tinha, por fim, apagado as chamas dêsse amor e, por mais bela que ela se sentisse, aquele resultado não a devia surpreender.

Napoleão, antes de partir para a campanha do Egipto já se sentia muito desiludido. A família Bonaparte havia detestado Josefina, desde o começo e informava Napoleão, no Egipto, a respeito das traições da mulher em Malmaison, a nova propriedade que ela havia adquirido recentemente.

Ao regressar a Paris, depois da batalha de Aboukir, Napoleão não a quis receber. Seguiu-se depois uma cena famosa, muito conhecida, que teve por palco, em Paris, a habitação dos dois. O côrso, amuado, fechou-se à chave no seu aposento e Josefina lavada em lágrimas, encostada à porta, soluçou pela noite fora; suplicou que a recebesse porque tôdas as acusações eram falsas. Os dois filhos juntavam as suas lágrimas às da mãe e juravam, também, que as acusações não eram verdeiras.

Napoleão, por fim, abriu a porta e caíram nos braços um do outro. Tinha passado a crise; realizara-se a reconciliação, mas tanto êle como ela compreenderam que estava morto aquele amor que êle lhe dedicara. Teria então posto os seus pés o mundo inteiro; ela não havia correspondido e agora já era demasiado tarde.

Da luta entre os dois, Napoleão saía vitorioso e ela agora não o queria abandonar; não que lhe tivesse amor, mas porque necessitava de assentar na vida e pensar no futuro.

Habituada a viver a seu modo, o marido agora proïbia-lhe certas relações e, desde aquela noite terrível de choros e preces, vivia aterrorizada com a ameaça de uma separação.

Napoleão, já imperador, fê-la coroar imperatriz de França em Notre Dame, mas esta própria honra não compensava o constrangimento em que ela vivia. Enclausurada em Malmaison os loiros colhidos por Napoleão em Marengo, Iena, Austerlitz, quási que a deixavam indiferente. O mundo lançava-se aos pés do invencível Imperador com admiração ou receio e a fama do marido não a sensibilizava — para ela, era sempre o antigo rapazola que não sabia vestir-se. Recordava-o quando tinha de confessar que havia contraído novas dívidas, mas adorá-lo não lhe era possível. As suas distracções favoritas eram o jôgo, a quiromância e coleccionar objectos bonitos. Convencia-se a cada momento de que estava gravemente doente e o doutor curava-a com pílulas de miolo de pão. Não lia como Napoleão, que devorava bibliotecas, entre duas batalhas.

A imperatriz Josefina - pastel de Prud'hon

O mundo dela era outro, menos elevado, e acima do marido estavam os dois filhos, já crescidos.

Para que a não julgasse completamente desinteressada, suplicava-lhe que consentisse numa visita a Varsóvia, onde êle descansava após uma batalha. O fantasma

Napoleão, 1.º consul

da separação persegula-a e já iam longe aqueles tempos — 15 anos — em que a única ambição dêle era conquistar o coração de Josefina. Era o tempo em que Napoleão lhe suplicava para que viesse para a sua companhia; agora, pelo contrário, empenhava-se em conservá-la distante, porque começava a despontar no horizonte a linda imagem de Maria Walewska, que contitulu a verdadeira aventura de amor de Napoleão.

Aos 11 anos de idade, preocupava-o a questão da sucessão ao seu trono de imperador; um herdeiro era uma questão vital e resolveu separar-se. Ela atingira os cinqüenta; a sua figura de uma elegância encantadora tinha desaparecido; os dentes Josefina, enegrecidos e já não exercia nenhuma influência sôbre êle. Essa influência provera sempre dos seus dotes físicos e Josefina, a crioula nascida na Martinica, que chegara a ser imperatriz dos franceses, viu-se públicamente separada do marido ilustre, de quem ela ria ao começo e acabara por temer e a quem nunca havia compreendido. A separação era um golpe profundo no seu orgulho, ainda que realmente a situação de imperatriz nunca tivesse exaltado esse orgulho.

Ao sentir-se livre do déspota e do despotismo da situação a «imperatriz de um valor limitado e de dívidas sem limite» regressava à liberdade.

Milhões de homens haviam olhado para Napoleão como se êle fôra um deus e como o maior cabo de guerra de todos os tempos; Josefina nunca o pôde encarar em qualquer dêstes dois aspectos.

ADOLFO BENARÚS.

VINHOS VERDES

De entre os vários organismos que o Estado Novo criou para a regulamentação da produção e comércio dos nossos vinhos destaca-se a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, criada por decreto emanado pelo Ministério da Agricultura em 22 de Março de 1929.

Nêste curto espaço de dez anos, os firmes e persistentes esforços empregados numa acção inteligentemente orientada conseguiram transformar radicalmente a situação desordenada que caracterizava os vinhos verdes, como aliás todos os demais, salvando assim da ruina certa, um dos melhores valores da Economia Nacional, representado actualmente por uma produção anual de 200.000 pipas, do valor de 100.000 contos de réis, com um consumo público, por cada ano, de pipas 168.116,5.

Os vinhos verdes que não têm similar em qualquer outro País do Mundo e que apenas se produzem na região nortenha, devidamente demarcada, bem merecem, pelas suas excepcionais qualidades, a protecção eficaz que salvaguarde a posição de destaque a que tem incontestável direito.

Estes vinhos que são — e muito justamente — apreciadíssimos entre nós, agradam também lá fora o que se comprova iniludìvelmente com a sua exportação que atinge já apreciáveis quantidades.

Veem estas considerações a propósito da época festiva que estamos atravessando e em que o vinho verde deve figurar em tôdas as mesas, com a maior confiança, garantida como está a sua genuinidade.

A NOVA BANDEIRA DA ALBÂNIA

Entrega da nova bandeira ao povo albanês, na praça de Skanderberg da cidade de Tirana. A nova bandeira é hasteada por duas jóvens fascistas e vanguardistas albaneses por entre as aclamações entusiásticas da multidão

As autoridades assistindo à cerimónia da entrega da nova bandeira

A nova bandeira albanesa esvoaçando sôbre a cidade de Tirana

HISTÓRIA MUITO ANTIGA

Há séculos, perto de dois mil anos, deram-se festas que pareciam insignificantes aos que então viviam, a vida rústica da Palestina, e que se absorviam, na vida de todos os dias, nos humildes trabalhos, de agricultura êsses primitivos trabalhos, que demandavam um enorme esfôrço, aos braços humanos que os empreendiam, porque nêsses tempos, não havia máquinas a auxiliar o homem e era apenas com o suor do seu rôsto e o esfôrço dos seus braços, auxiliado pelos animais, que conseguia arrancar à terra os seus frutos, para se alimentar e à sua família.

Época dum primitivismo são, se a compararmos esta em que vivemos, mas em que já havia desegualdade na situação dos homens como sempre a haverá; havia pobres e havia ricos, felizes e infelizes, justos e pecadores, bons e maus, porque assim será sempre também; tal é a condição humana.

Não eram tantos os maus, como agora são, mas já alguns havia e assim Deus para que fossem remidos os pecados aos homens, aos que existiam e a todos os que haviam de existir, mandou ao mundo seu divino filho sacrificando-o pelos homens.

Que maior prova de amor podia Deus dar à humanidade? É ela tão grande que nos deixa abismados, ainda hoje e surpreendidos pela cega ingratidão com que é retribuída.

Mas como mandou Deus êsse filho à terra como filho de alguma princesa, no palácio de algum poderoso rei? Não; escolheu para mãe do seu filho uma jovem formosíssima e pura; casada com um varão castíssimo e duma reconhecida bondade. Jovem que desde sempre tinha sido designada para mãe do filho de Deus.

Mas se eram imensas as suas virtudes se irradiava pureza, bondade, caridade era também pobre, e, seu marido era um modesto carpinteiro.

E quando numa manhã doirada, dessas manhãs suaves da Palestina, a virgem orava em seu pobre aposento, enquanto seu marido trabalhava no seu humilde ofício, apareceu-lhe um anjo anunciando-lhe que ela seria a mãe de Deus.

Aterrada respondeu. «Mas como se não conheço varão»? «Pelo poder Divino, lhe foi respondido, e assim se realizaram as profecias!

Mas quando era quási chegado o termo para o nascimento dêsse Filho, que ela sabia ser um filho de Deus, vieram as ordens do rei da terra, lançá-la em grande aflição, determinado fôra um recenseamento da população da Palestina e êles teriam que se dirigir a Belém onde deviam fazer a sua inscrição; mas que viagem tormentosa!

Fechada a sua pobre casinha de Nazareth, ei-los a caminho de Belém, uma jovem que a todo o momento esperava o nascimento dum filho e um homem já cansado que a amparava nessa dolorosa viagem, que eram obrigados a fazer.

Cheios de viandantes os caminhos que a Belém levavam, ágeis no caminhar, os que a pé seguiam, montados em belos cavalos, em camelos, em burrinhos, todos iam depressa para cumprir essa obrigação e passavam a diante aos pobres viandantes que a custo caminhavam.

Chegaram tarde a Belém, tôdas as casas que recebiam hospedes e a que podia chegar a sua pobre bôlsa estavam cheias, e, não recebiam mais hospedes. Em terra desconhecida que fazer?

Anoitecia e a jovem sentia-se desfalecer. Condoído ao vê-la, um homem que passava ofereceu-lhes abrigo na sua modesta casa, numa lapa contígua à sua habitação, às portas da cidade, lapa que êle arranjára à maneira de estrevaria e onde abrigava, uma vaquinha e um jumento.

Transidos de frio sem outro abrigo que os defendesse aceitaram agradecidos e ali se abrigaram dessa gélida friagem que do céu descia à terra. Nessa noite de Dezembro, noite de brilhantes estrélas como são as noites orientais e de áspera brisa vinda dos montes que a neve cubria.

E foi nêsse abrigo tão modesto, tão pobre, que nem a humanos era destinado, que veiu ao mundo o filho de Deus. Aquele que poderia ter nascido no mais rico palácio em doirado berço cravejado de pedrarias, nasceu na modesta lapa que era abrigo de animais.

O seu berço foi a mangedoura onde comiam palha os animais, que com o seu bafo aqueciam o seu tenro corpinho, que tinha a resistência Divina para suportar todo êsse desconfôrto.

Nasceu como o mais miserável dos mortais, aquele que veiu ao mundo salvar os homens e que era mandado por Deus seu Divino pai.

E assim no-lo mostram sempre os presépios que séculos e séculos passados, perpetuam a sua entrada nêsse mundo onde vinha não para fazer e viver com regalado confôrto, mas sim trazer a palavra de Deus aos homens e dar por êles a sua vida num sofrimento atroz.

E êsse presépio é sempre igual visto através dos olhos de todos os artistas de todos os tempos.

Nêle vemos sempre o menino sôbre a palha da mangedoira. A Virgem Santíssima e S. José adorando-o e os pobres animaizinhos que ali estavam nessa noite divina, parecem também adorar a criança Deus que ali resplandece.

Escultores insignes, pintores de génio, todos dedicaram a sua arte a representar o presépio, e, todos representam os pastores acorrendo com presentes, os reis magos guiados pela estrêla a caminho, e, tudo alvoraçado com a vinda ao mundo duma criança, filha duns desconhecidos, que abrigados por caridade eram uns pobres viandantes fatigados.

Como querem explicar os que negam a Divindade de Jesus Cristo, êste afan em presentear a criança desconhecida. Caridade? A Caridade ainda hoje é ordenada por Deus, não nos leva a presentear as crianças pobres que nascem cubrindo-as de dons, e, muito menos naqueles tempos em que a Caridade não era o fundo da humanidade.

E os reis da terra deslocarem-se para ir oferecer-lhe os dons preciosos do ouro, da mirra, e do icenso? A inquietação de Herodes o rico rei que em seu deslumbrante palácio, sonhava os mais ambiciosos sonhos.

E como explicar que passados séculos, quási dois mil anos decorridos êsse facto, que a muitos dos rústicos habitantes da Palestina passou despercebido, seja ainda comemorado festivamente em tôdas as partes do mundo, porque em tôdas há Cristãos?

E o Natal em tôda a parte se festeja, desde as terras que a neve cobre dum manto gelado e deslumbrante de brancura, aquelas em que o Sol ardente cresta e torna ressequidas como areias escaldantes, passando pelos suaves climas em que todo o ano é primavera.

A unica explicação é o sobrenatural e a realidade da Divindade de Jesus Cristo que veio ao mundo como um pobre, para poder prègar aos pobres a resignação e dar-lhes a compreensão do que é a vida na desegualdade dos bens, que sofreu tormentos e humilhações, para que os que sofrem sejam consolados, e, que morreu na mais afrontosa das mortes, para que os homens aceitem com resignação a morte.

E na Ressurreição nos indica o que poderá ser a vida Eterna, para os que cumprirem os mandamentos da Lei de Deus, a mais perfeita e completa lei que existe, aquela que tem uma única interpretação, e que os homens desprezam, porque no seu egoísmo, preferem o gôso imediato.

E matam-se, destroem-se, odientos por motivos de louca ambição e não querem ver que os anos passam e êles desaparecem. Quem os lembra?

E o presépio essa lição única de humildade dada por Deus, brilha e resplandece sempre com o maior fulgor, embora muitos o queiram aniquilar, destruír e lançar no esquecimento.

Mas arrazam-no num país do Norte e êle renasce em dez países equatoriais, e, mais tarde volta a brilhar nêsse mesmo país.

E sempre em todos os climas, em todos os tempos, o presépio em chegando o Natal renasce e todos o adoram. É uma história muito antiga, mas uma história que perdurará sempre e terá sempre o mesmo interêsse, porque não é uma história dos homens, não é o nascimento dum homem, é uma história Divina a da vinda ao mundo do Redentor dos homens, que lhes trouxe salvação; o que tantos ignoram e muitos esquecem.

MARIA DE EÇA

Presépio de Filippo Lipi

NATAL, *tempo de alegria e de festa. Para os crentes a mais linda festa do ano. A festa que celebra a vinda ao mundo de Cristo Redentor, comemorada com o presépio; a sagrada imagem que mais toca o coração das mulheres e das crianças.*

Essa criancinha sôbre palhas, dando aos homens a mais completa e perfeita lição de humildade, não pode deixar de enternecer o coração de qualquer mulher, quando seus olhos pousam sôbre Deus feito menino, vindo ao mundo longe de todo o confôrto; quando a nascença de qualquer mortal é esperada com tão alvoroçado afecto e os enxuvaizinhos são um mimo de finas linhas e fofas lãs, e os bercinhos ninhos de calor com o "edredon„ e almofadas.

Para as crianças é o Menino que as encanta, os animaizinhos que o rodeiam, as figuras que enfeitam o presepio, dando-lhe vida e alegria.

Os que não têm fé fazem desta festa a festa da família e em comum festejam o Natal, fazendo em suas casas a Árvore de Natal, importação do estrangeiro, mas que tanta alegria dá às crianças, para quem esta festa é a melhor de tôdas.

Para os que vivem só para se divertir é também o Natal uma ocasião para fazer a ceia, a que agora se chama elegantemente "reveillon„, e que se torna um pretexto para dançar e se divertirem.

E' justo e é natural que a humanidade festeje alegremente o Natal, a festa em que se celebra a humanidade de Deus. Seja qual fôr a intenção, no fundo há uma homenagem que a tradição cimenta.

Alegria nos templos onde se festeja a mais tocante das festas, alegria nas famílias que reünidas se sentem, mais do que nunca, solidárias no mesmo afecto, alegria naqueles que tomam a vida pelo lado fútil e frívolo.

Sinos que tocam, beijos que se trocam entre aqueles em que nas veias gira o mesmo sangue, música e risos nos que se divertem. Alegria em todos.

Mas é justamente nesses momentos de profunda alegria, de regosijo geral, que devemos pensar nos nossos irmãos que sofrem.

Nos pobres, que não têm festa e que não têm a iluminá-los a crença, que ajuda a sofrer, êsses pobres que todas nós conhecemos e que precisam do nosso auxílio.

Mas não é só êsses que êste ano a nossa piedade deve lembrar. Teremos tantos a quem estender a nossa compaixão; neste tempo de guerra em que os homens esquecem a lição de fraternidade que o Menino Deus lhes veio trazer.

A Polónia esmagada vê as suas tradições espesinhadas pelos invasores, as suas famílias espalhadas no exílio ou ceifadas pela morte.

Lares arrazados onde não há presépios nem Árvore de Natal, nem lume, nem pão.

Nas trincheiras, os pobres soldados embora abrigados pelas formidáveis linhas que se levantam deles, homens, criados para o sol, para a luz e para o ar fazem de toupeiras.

Famílias que receberam essa trágica e séca notícia de que um filho querido, um pai extremoso, ou um noivo amado, ficaram para sempre estendidos num campo frio e gelado, despedaçados pelos obuzes ou atravessados por uma bala.

Como poderá haver alegria nesses lares onde correm lágrimas arrancadas aos homens por aqueles que contrariam a doce lei que essa criança nascida em Belem trouxe aos homens?

Lei de Amor e de Caridade, que a todos faz irmãos, que os homens esquecem com tanta facilidade, tornando-se nesse horror que é o homem lôbo do homem.

Festejemos pois o Natal lembrando-nos com compaixão dos pobres, que nos rodeiam e a quem devemos adoçar a sua tristeza partilhando com eles o que temos.

E para os que sofrem longe, os crentes ergam para Deus uma prece em que ponham todo o seu coração ardendo em Caridade, e aqueles que não têm essa felicidade, enviem o seu pensamento aos que viram destroçados os seus lares, mortos os entes queridos, ou que têm em perigo aqueles que amam.

E assim o Natal dêste ano, que não poderá ser um Natal alegre, será o Natal da família humana que apezar das ambições dos homens se conservará ainda moralmente.

MARIA DE EÇA

A MODA

A moda deste inverno é simples. A guerra não inspira aos costureiros parisienses o desejo de criar complicados vestidos.

Em França êste inverno não haverá bailes nem recepções, é muito diferente êste ano o espírito que reina em França, daquêle que marcou na grande guerra.

As criações de vestidos de noite são apenas para exportar para os países neutros, onde continua a vida sem interrupções nas festas de sociedade.

A moda êste ano em França é séria, é grave, como o estado de espírito dos seus habitantes, que encaram com calma serenidade, mas profundo desgosto, a desgraça que bateu sôbre a sua Pátria.

A calma ordena-lhes que trabalhem mas o seu estado de espírito não lhes permite as grandes fantasias.

Quem quer modas de noite vestidos de dar nas vistas volte os seus olhos para a América de onde nos vêm alguns modelos elegantes e ricos, Hollywood triunfa na moda para a noite.

Está próximo o Natal e não faltarão reuniões a festejar a vinda de Cristo ao mundo. Não são

PÁGINAS FEMININAS

Por êsse motivo damos um modelo de vestido de noite duma leve graça que embelezará qualquer senhora ou menina que o use

Em tule côr de violeta de parma, tem o aspecto dum vestido da época do romantismo. A saia em baixo é ornada de folhinhos estreitos e de ramos de violetas e narcisos cosidos sôbre laços desenhados com contas e «pailleté». O corpo é todo em tule franzido na cintura uma fita de setim côr de violeta e um ramo igual aos da saia. Na cabeça guarnecendo o penteado alto um ramo de narcisos. Como abafo uma «bôa» em penas da mesma côr. Como penteado um as manifestações, que seriam para desejar talvez, sobretudo num momento tão duro para a pobre humanidade, mas é sempre uma manifestação e um conservar de tradição.

E' preciso que sejam executados com tôda a prefeição, porque não há nada mais feio do que uma cabeça de caracois desmanchados e mal tratados.

As senhoras que não têm cabeleireiro, nem paciência para se pentear, devem escolher um modelo mais simples.

Para de dia temos um lindo modêlo de casaco que alia à simplicidade do corte a riqueza da guarnição em pele, raposa «argentée».

Em pano veludo muito «souple» tem uma pena. Gala no mesmo pano. As mangas são guarnecidas com pespontos encarnados. Um ligeiro cinto ajusta na cintura com uma fivela muito simples. A borla do casaco é guarnecida a pele.

O chapéu em veludo preto é guarnecido com uma cabeça de pluma da mesma côr, um ligeiro véu na cara; que cai atraz em pontas. Luvas e sapatos em camurça preta.

Não devemos nesta época esquecer as pequeninas, que como as suas irmãs precisam vestir com elegância, e é esta a época das festas de criança.

Aqui temos pois um elegante casaco em pano azul Lido. Nas costas tem uma guarnição de pregas. A gola muito original é formada por elegantíssimo penteado alto tôdo em caracois seguros por pentes guarnecidos de pérolas. São penteados que dão a uma senhora um grande ar de distinção êstes que se usam êste ano.

bicos de renda grossa, incrostada em pele de «Kid».

O chapelinho em feltro tem a forma «cabriolet» de alguns chapéus do romantismo e emoldura graciosamente os caracóis loiros ou escuros duma galante menina de sete a nove anos.

CRISE DO AMOR MATERNO

É natural a maneira como o egoísmo se tem apoderado da humanidade levando a uma verdadeira falha de sentimentos.

Na Inglaterra é sensível essa nota da modificação da creatura. Cerca de 50.000 crianças foram cedidas no país de Galles por meio de adopção, a estranhos.

É certamente uma diminuição do sentimento tão sublime do amor materno.

Por outro lado nota-se uma solicitação cada vez maior da parte de pessoas que desejam adoptar crianças, em geral, casais sem filhos, ou ainda outras que os têm mas os filhos já adultos desejam uma irmãzinha. E' interessante ver como a humanidade varia nas suas diferentes manifestações. E' para notar que na Inglaterra não há uma assistência pública oficial para as crianças apezar de serem numerosas as instituïções particulares de proteção à criança mas tem uma organização perfeita para adopções.

HORRORES DA GUERRA

Um dos maiores horrores da actual guerra na Polónia, foram as conseqüências dela para as crianças.

São inúmeras as crianças sem pai nem mãe, mortos nos bombardeamentos e que pela sua pouca idade não podem indicar qual era a sua família, não permitindo assim que se faça um inquérito de forma a poder fazer a entrega destas crianças aos seus parentes.

Nas ruínas das antigas habitações tem-se encontrado algumas crianças ilesas, o mais notável achado foi entre os escombros, um berço com um bébé dentro, que dormia tranquilamente e não tinha uma beliscadura.

Que tristeza não faz pensar nessas pobres crianças que crescerão sem o afecto da sua mãe e sem o carinho da família privados de tudo o que faz a felicidade da infância, o amor dos que as rodeiam e as estragam com mimos.

E quantas famílias não haverá que procuram em vão as crianças que na catastrofe fugiram e se perderam. Há desgraças tão grandes na humanidade, que muitas vezes não são as que morrem, as que mais devemos lamentar, mas sim as que ficam neste mundo torturadas por uma dor para que não há consolação.

E deve ser dessas a duma mãe, que perde um filho e que não sabe em que mãos terá a criança caído, e, qual será o tratamento que terá.

Deve ser de enlouquecer e pior talvez, do que sabê-lo morto. Pois entre os refugiados polacos, há muitos nestas condições, que são de inspirar a mais profunda compaixão.

Mães que perderam os seus filhos, crianças que não sabem de seus pais, e, quantas nunca mais saberão o que é feito dêsses entes a quem dedicaram todo o seu afecto. E vejam se há nada que justifique a barbaridade duma guerra.

HIGIENE E BELEZA

Estão à porta os primeiros frios, os frios do Natal, que sempre se fazem sentir, lá diz o ditado, «ande eu por onde andar o frio do Natal lá vai parar».

Há senhoras a quem o rosto, com o frio, se

congestiona e fica vermelho o que não é bonito, sobretudo se essa vermelhidão se acentua no nariz. Para cuidar êsse mal, basta estender na cara um pouco de pomada de óxido de zinco, do tamanho duma ervilha, é o bastante e não engordura a cara. Em seguida fazer a «maquillage». Para as peles que se ressentem com o frio há também uma boa receita: ferver num quarto de litro de água uma colherinha de glicerina muito pura, outra de água de rosas, outra de água de Colónia e algumas gôtas de benjoim. Aplica-se no rosto de manhã e à noite em loções mornas com um tampão de algodão hidrófilo.

RECEITAS DE COSINHA

Bolo com fermento de cerveja: põe-se dentro dum alguidar 250 gramas de farinha de trigo, misturam-se com cinco colheres de água morna, na qual se desfaz uma colherinha de fermento de cerveja fresco.

Juntam-se dois ovos, uma pitada de sal, 50 gramas de açúcar, 100 gramas de passas sem as sementes e 100 gramas de manteiga batida.

Se a massa ficar um pouco dura junta-se-lhe mais um ôvo ou um pouco de água morna.

Quando estiver bem amassada, deita-se numa fôrma untada com manteiga e polvilhada de farinha. Deita-se só até meio da fôrma, e deixa-se crescer em lugar quente. Quando tiver atingido o dôbro do volume e enchido a fôrma mete-se num forno bem quente.

São necessários três quartos de hora a uma hora para ficar bem cosido. E' um ótimo bolo para chá.

DE MULHER PARA MULHER

Lírio do monte: — Que simpática a sua resolução e desejo-lhe que encontre nas suas amiguinhas a mesma boa vontade. Pode mandar para a Maternidade Alfredo Costa ou para a «Liga dos enxovais dos recemnascidos». Em todas as épocas são bemvindas. E desejo-lhe um natal muito feliz, que certamente terá, passando-o com tão bôas resoluções.

ALGUNS DOS CHARADISTAS COLABORADORES DESTA SECÇÃO

1 — Sevla. 2 — Marcolim. 3 — Sileno. 4 — Soiof. 5 — Rocambole. 6 — Tony. 7 — Zé da Eira. 8 — Lérias. 9 — Francisco J. Courelas. 10 — Barão Y. 11 — Dr. Sicascar. 12 — Magnate. 13 — Olegna. 14 — Bicho Knhoio. 16 — Ti-Beado. 17 — Infante. 18 — Matina. 19 — Um Misterioso. 20 — Rina. 21 — Dóris I. 22 — Marvedo Azeio. 23 — Fra-Diavolo. 24 — Fero. 25 — Edmaro. 26 — Mirones. 27 — Pianola. 28 — Adeusinho. 29 — Freidank. 30 — Willy. 31 — D'Artagnan Júnior. 32 — Madame D'Artagnan

O ÚLTIMO «DESPORTO»

Por razões que a Ex.ma Direcção exporá noutro local, esta revista — a mais luxuosa e bem colaborada que entre nós se publicava — suspende a sua publicação a partir do presente número.

Por êste motivo o director desta secção cumpre o dever de apresentar a todos os seus apreciados colaboradores, fraternais cumprimentos de despedida, aproveitando a ocasião para lhes manifestar o seu reconhecimento por tantas e inequívocas provas de apreço e estima que dêles sempre recebeu.

RESULTADOS DO 4.º CONCURSO TRIMESTRAL

PRODUTORES

Totalidade de pontos — 80

QUADRO DE HONRA

Concorrentes ao 1.º prémio (69 pontos)

MARCOLIM

SECÇÃO CHARADÍSTICA

DESPORTO MENTAL

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 52

QUADRO DE MÉRITO

Concorrentes ao 2.º prémio

Agasio, F. J. Courelas e Sevla — 55. Dama Negra, Diriso, Mirna, Ramou Lácrimas e Sol de Inverno — 43. Fra-Diavolo, Tarata e Visconde X — 38. J. Tavares — 36. Aureolinda, Cigano e Anjo das Serras — 35. Dr. Sicascar e Ti-Beado — 35

Concorrentes ao 3.º prémio

D. O. X. — 32. Alda — 31. Tiroliro — 28. Aristofanes — 23. Neptuno — 20. Magnate — 15. Castela, Nuninho e Siulmo — 18

DECIFRAÇÕES

«Desporto» n.º 47

1 — Enxoval. 2 — Perfeição. 3 — Xarafim. 4 — Talvês. 5 — Pomada. 6 — Mais querer. 7 — Garula. 8 — Maquino. 9 — Pernada. 10 — Picoso. 11 — Topete. 12 — Minada. 13 — Diacho. 14 — Proporção. 15 — Sortela. 16 — Lagosta. 17 — Mentira. 18 — O trabalho dá a felicidade.

«Desporto» n.º 48

1 — Enfiamento. 2 — Logrado. 3 — Longadamente. 4 — Adia. 5 — Suavemente. 6 — Lambedura. 7 — Parla. 8 — Notado. 9 — Girote. 10 — Bicha. 11 — Entre-abrir. 12 — Chícara. 13 — Patola. 14 — Ricamente. 15 — Refertadamente. 16 — Erário. 17 — Estafim. 18 — Fanado. 19 — Termino. 20 — Fundação. 21 — Peripécia. 22 — Ofensa. 23 — Rendido. 24 — Fivela. 25 — Arena. 26 — Carola.

«Desporto» n.º 49

1 — Engarapar. 2 — Custódia. 3 — Sapapo. 4 — Porfia. 5 — Edil. 6 — Tisnado. 7 — Terceira. 8 — Encontra. 9 — A cabeça do besugo come o sisudo; a da boga dá à tua sogra.

«Desporto» n.º 50

1 — Ogerisa. 2 — Finado. 3 — Melhorado. 4 — Ginetear. 5 — Pecado. 6 — Catequese (KTQZ). 7 — Tianha. 8 — Ratoeira. 9 — Golpear. 10 — Alvoraçado. 11 — Primavera. 12 — Bofete. 13 — Achaque. 14 — Amor. 15 — Rolo. 16 — Ágil.

«Desporto» n.º 51

1 — Rifaria. 2 — Tolo. 3 — Pousa-lousa. 4 — Passa-tempo. 5 — Apage. 6 — Abismo. 7 — Monarca. 8 — Raiva do coração faz passar a dor dos dentes.

Observação: — Na impossibilidade de obtermos as decifrações do «Desporto» n.º 51, mesmo do continente, a tempo de organizar-mos o expediente para o presente, resolvemos considerá-lo sem efeito, para os decifradores dêste torneio.

PRODUTORES

Acedendo ao nosso convite para juíz dos trabalhos, publicados neste torneio, o nosso abalizado confrade Francisco J. Courelas, deu-nos o seguinte parecer:

EM VERSO — *Logogrifos:* 1.º classificado: n.º 1 do «Desp.» n.º 49, de «Lérias». 2.º classificado: n.º 1 do «Desp.» n.º 47, de «Magnate». *Charadas* e *enigmas:* 1.ª classificada: n.º 1 do «Desp.» n.º 52, de «Freidank». 2.ª classificada: n.º 2 do «Desp.» n.º 52, de «Sileno».

EM PROSA — *Aditivas, encadeadas, reversivas* e *sincopadas:* 1.ª classificada: n.º 14 do «Desp.» n.º 47, de «Um Misterioso». 2.ª classificada: n.º 19 do «Desp.» n.º 48, de «Mirones». 3.ª classificada: n.º 5 do «Desp.» n.º 47, de «Tony».

DADOS ESTATÍSTICOS DO «DESPORTO MENTAL» DO ANO DE 1939

Trabalhos publicados: EM VERSO: Aditivas — 43. Sincopadas — 6. Encadeadas — 1. Logogrifos — 20. Enigmas — 18. EM PROSA: Aditivas — 81. Sincopadas — 103. Encadeadas — 35. Reversivas — 6. EM DESENHO: Geroglifos simples — 16. Geroglifos complexos — 4. Totalidade de pontos — 333.

PALAVRAS CRUZADAS — 9 problemas.

PRÉMIOS

De harmonia com o plano de distribuïção de prémios, inserto no n.º 29, foram concedidos pela Livraria Bertrand, editora da «Ilustração», nos 4 trimestres do presente ano, 52 exemplares da revista e 51 obras literárias, aos colaboradores desta secção.

PRODUTORES PREMIADOS

«Sileno» — 4 vezes (Campeão de Produtores). «Olegna» e «Lérias» — 3. «Magnate», «Alguém» e «Mirones» — 2. «Barão Y», «Rosa Negra», «Marvedo Azeio», «Rocambole», «Freidank», «Um Misterioso», «Tony», «Marcolim», «Dr. Sicascar», «Ricardo», «Ti-Beado» e «Castela». Número dedicado a Angola: «Enigmático» e «Ti-Beado» — 1.

DECIFRADORES PREMIADOS

«Marcolim» (Campeão de Decifradores). — Prémios. «Siulno», «Dr. Sicascar», «M. A. P. M.», «Miss Sporting», «Fra-Diavolo», «Enigmático» e «Tarata».

Além dêstes premiados há que acrescentar os que o vierem a ser na próxima lotaria e àcerca dos quais já nos não é possível fazer referência.

PALAVRAS CRUZADAS — «Morenita», «F. J. Courelas» (2 vezes). «Dado», «Edipo», «Tarata», «Um Misterioso», «Dr. Sicascar» e «Magnate».

TRABALHO EM VERSO

ADITIVAS (Antigas)

Ao presado confrade e amigo «Ordisi» na despedida. Brincadeira de mau gôsto como pretexto para lhe agradecer todos os favores e atenções que me dispensou e a paciência com que aturou as tremendas maçadas que lhe dei... e aos leitores do Desporto Mental.

«Olhando-me e fransindo a testa
Dizendo: «papá eu não quero a mana!...»
Julgo um dever fazer-lhe a vontade
«Ordisi» — Desporto n.º 47

1) Menino «Ordisito», o gentil morgadinho.
E' um «felizardo» que o pai estremece,
Tem mimos da avó e o maternal carinho,
Brinquedos à ufa! Tem quanto apetece...

Mas diz pai «Ordisi» que o seu miúdinho
Não quer ter irmãos! E êle que lhe obedece!
Já se impõe ao pai! Quer êle ser sozinho!
Nesta alminha em flôr já o egoismo alvorece!

A avesinha *alegre* que mal rompe a aurora — 2
Deserta do ninho e ou gorgeia · ou chora:
Quer voar p'r'*a* rua, brincar c'os visinhos. — 1

Sem ter com quem brinque e não quer um ir-
[mão?!
Retenham-no em casa qual fôsse em *prisão!*
Ai meu «Ordisito»! que bons açoitinhos!...

Lisboa *Sileno*

ENIGMA

2) O oceano é que nos mostra, intensamente,
a agitação que morre, junto à praia...
e envolve no seu seio de cambraia
o aspecto mais activo e mais fremente...

Se tudo se transpõe, lá fica a gente
na luta pouca acesa e que desmaia
contra essa agitação, pois talvez saia
num barco de papel em sulco ardente...

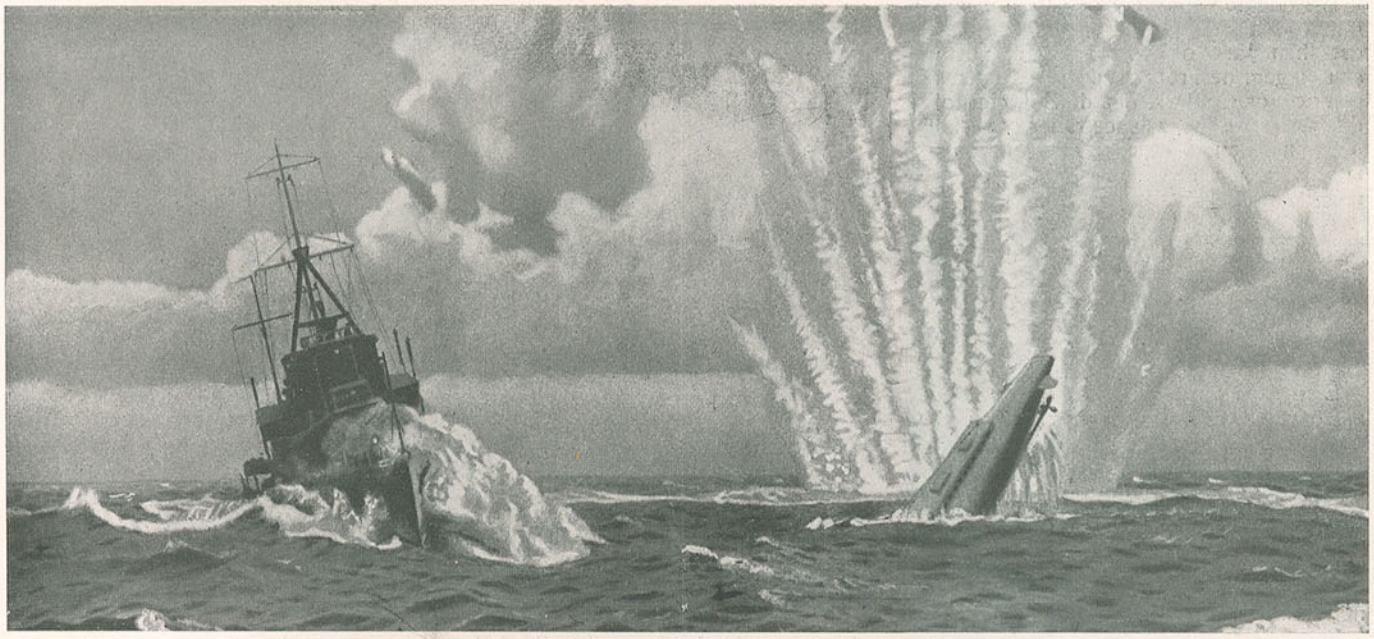
E foram-se, ao revés, as ilusões
que tinham deslumbrado os corações,
levando-os, vida fora, na lembrança...

O mar! O mar! É sempre todo espuma
o império das miragens, que, uma a uma,
só cria o grande *ensejo* duma esp'rança!...

Arcos de Valdevez *Freidank*

VISÕES DA GUERRA

Um reconhecimento num bosque. Aparelho alemão caído nas linhas francesas. *Ao lado:* Avião tirando fotografias das fortificações da Linha Sigfredo. *Em baixo:* Um destroyer francês metendo no fundo um submarino alemão



A QUINZENA DESPORTIVA

O grupo de honra de futebol do Sport Lisboa e Benfica, vencedor do campeonato de Lisboa mercê duma sensacional derrota infringida ao Sporting, campeão destronado ao cabo de seis anos consecutivos de triunfo

NUMA crónica de comentários gerais, onde a actualidade é vista a distância, como esta que quinzenalmente ocupa duas páginas da «Ilustração», não pode razoàvelmente omitir-se referência às exibições das classes masculina e feminina de ginástica dinamarquesa do professor Niels Bukh, que o público de Lisboa presenceou com pasmo nos finais do mês passado.

Não voltaremos a escrever o que já foi apontado com maior ou menor lirismo em todos os jornais da cidade e se pode resumir na admiração provocada, e justificada, pela beleza, harmonia e dificuldade dos movimentos e atitudes, pelo índice de aperfeiçoamento físico dos alunos no referente à execução dos mais complicados exercícios, pela extraordinária apresentação de certos particulares do esquema, notòriamente os saltos. Procuramos, com estas apreciações de análise geral, focar apenas o verdadeiro significado daquelas demonstrações, ou, pelo menos, o sentido em que devem ser tomadas como tributo para solução do problema português da educação física da mocidade.

É evidente para todos os espíritos que que o afamado professor dinamarquês escolheu para o acompanharem nesta sua viagem de propaganda pelos países americanos e pela África do Sul, o escol dos seus discípulos, adestrados especial e intensamente para apresentarem as suas possibilidades e as fórmulas do seu método no máximo da perfeição e rigor.

As classes que se exibiram entre nós são o produto de trabalho intenso de longos anos, de preparação rigorosa a um grau incomportável, para a grande maioria dos indivíduos, para os quais a ginástica é uma actividade higiénica à margem da existência profissional.

Êste reparo, porém, necessário apenas para destruir falsas interpretações dos espectadores profanos no assunto e em cujo espírito assombrado a maravilhosa destreza dos ginastas e o encantador dinamismo dos exercícios criavam uma errada tendência de generalização, em nada afecta o merecimento dos processos pedagógicos e técnicos que permitiram atingir tamanha perfeição.

Para os teoristas exigentes, as demonstrações dos alunos de Niels Bukh não foram isentas de motivo de crítica: respiração abdominal resultante de fadiga exagerada, desequilíbrio no trabalho dos diversos sectores musculares, pormenores vários que ao público passam despercebidos, mas o olhar perspicaz dos competentes — sobretudo quando lhes interessa discordar — descobre e assinala.

A nossa opinião, reconhecendo a verdade dessas circunstâncias, é no entanto inteiramente favorável ao que o professor Bukh nos apresentou; também fazemos parte do grupo daqueles a quem a beleza do espectáculo cerceou parcialmente o senso crítico.

Não aplicaríamos, nem com certeza o faz o técnico da escola de Ollerup, semelhante esquema ginástico a tôdas as classes de adultos sem descernimento de categoria; tôda a ginástica é de evolução progressiva e o que Niels Bukh nos mostrou foi o índice máximo da sua progressão.

Sem encerrarmos a nossa opção na rígida ortodóxia dos preceitos suecos, se é que êles existem em rígida ortodóxia, consideramos ainda preferível para as condições do povo português e na fase de evolução e propaganda em que se encontra a educação física no país o emprêgo fundamental do método de Ling, mas aceitamos e aplaudiremos até a aplicação de certas modificações inspiradas pelo dinamismo da escola dinamarquesa, a cuja integridade se poderá depois passar com grupos escolhidos e previamente preparados.

Quanto à ginástica feminina de Niels Bukh, pareceu-nos, mesmo com o desconto da relatividade de recursos entre os dois sexos, bastante menos severa do que a dos homens e por conseguinte, mais fàcilmente adoptável.

Grande número dos exercícios da lição eram idênticos para ambos os sexos, diferindo apenas na energia e ritmo da execução; é curioso o critério de alguns críticos que, tempos atraz, acusavam de excessivo rigor certos esquemas e de impróprios certos exercícios exibidos por classes femininas portuguesas, os quais afinal obedeciam aos mesmos propósitos e se regiam pelas mesmas normas que êles agora, interpretados por estrangeiras, aplaudiram incondicionalmente.

*

Depois de seis anos consecutivos de triunfo no torneio regional de futebol, o Sporting foi apeado do pedestal de glória pelo seu velho adversário Sport Lisboa e Bemfica, num encontro que ficará celebrado nos anais da sua rivalidade.

O resultado de cinco bolas a zero, conseguido pelos «encarnados» no campo das Amoreiras, é o mais severo que consta na lista dos 131 desafios que os dois clubes disputaram entre si dêsde 1 de Dezembro de 1907, e fôra até à data conseguido uma vez por cada grupo: pelo Bemfica em 10 de Março de 1912, pelo Sporting em 19 de Outubro de 1936.

A ninguém é lícito pôr em dúvida o brilhantismo e a justiça da vitória dos novos campeões que, embora talvez menos regulares no decurso de tôda a prova cujo termo alcançaram em igualdade de pontos com os «leões», fizeram alarde na competição directa duma vantagem esmagadora que traduz eloqüentemente quanto pesam na balança do desporto, o entusiasmo, a vontade e a fé.

A superioridade técnica concedida pela análise teórica dos valores individuais e da acção conjunta, à equipa sportinguista, ruíu estrondosamente na prática, minada pela falta de fôrça moral e de brio confiante para lutarem contra uma situação embaraçosa. É naturalíssimo que um grupo, por mais forte que seja, perca jogos porque nenhum dos portugueses se destaca dos competidores directos além dos limites da mesma classe; mas quando essa derrota se transforma em descalabro devemos considerá-la anormal e influenciada por factores de ordem psíquica atribuíveis às circunstâncias especiais da contenda.

Êste campeonato de Lisboa que terminou era o 34.º disputado, e a vitória do Bemfica é a décima por êle conquistada; os restantes títulos repartem-se: 13 para o Sporting, 4 para o Belenenses, 3 para o antigo clube inglês de Carcavelos, 2 para o Vitória de Setúbal, 1 para o Internacional e outro para o Casa-Pia.

*

Nestes tempos tormentosos em que a actualidade desportiva internacional se vê reduzida a proporções mínimas e derivou para fórmulas de enorme interêsse simbólico e finalidade educativa, mas escassa importância sob o ponto de vista da curiosidade despertada no espírito público, raras são as ocasiões em que podemos aproveitar para estes comentários assunto estranho à vida do desporto português.

Êste, por sua vez, segue ritmo monótono no classicismo das suas competições sem variantes, pouco pródigas em pormenores dignos de destaque especial ou ricos em ensinamentos conclutórios. Vêmo-nos assim em circunstâncias de preferir recordar o passado a perder tempo com um presente que mais não fornece do que a simples enumeração de factos banais.

O conhecimento da abertura na próxima quinzena da temporada invernosa do atletismo com suas corridas de corta-mato, trouxe-nos à lembrança a época longínqua em que essa modalidade foi introduzida em Portugal e a que se ligam recordações saüdosas da nossa mocidade.

Foi no domingo 7 de Maio de 1911 que a Liga Sportiva de Trabalhos Atléticos fez disputar nos terrenos acidentados e azinhagas situados pela retaguarda do campo do Lumiar, então pertença do Sporting e onde hoje estão instalados o Unidos F. C. e o Clube de Tiro aos Pombos, o primeiro concurso pedestre de corta-mato.

A novidade causou vivo interêsse e as inscrições afluíram: oito clubes concorreram com equipas de seis homens, números estes que hoje em dia nem de perto se conseguem reünir. O percurso de cinco quilómetros era bastante difícil mas, a-pesar disso e do grande calor da tarde, todos os corredores com uma única excepção terminaram a prova cortando a meta instalada no campo de futebol donde fôra dada a partida.

Reproduzimos um trecho do comentário consagrado à corrida pelo jornal desportivo da época, «Os Sports Ilustrados», cujo estilo, comparado ao que hoje lêmos, demonstra bem a diferença de critério analítico dos dois tempos.

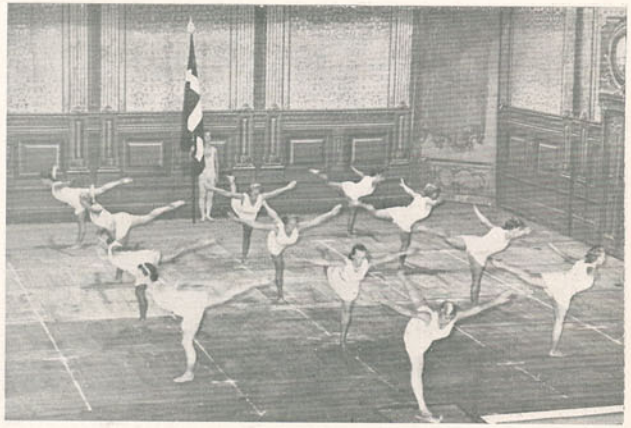
«Era surpreendente — informa o referido semanário — o efeito produzido por êsse punhado de «sportsmen» que, sem um desfalecimento, com uma fôrça de vontade e uma energia que só um português sabe ter, ora saltando um obstáculo, escarpando um monte, atravessando um campo de piso irregular ou lançando-se a tôda a velocidade por uma encosta abaixo, corriam sempre no desejo de alcançarem uma bôa colocação ou um bom lugar na classificação final».

O vencedor foi o desditoso Francisco Lázaro, representando o Bemfica, batendo por cêrca de cincoenta metros um companheiro de clube totalmente desconhecido, de nome Augusto Fernandes.

A classificação colectiva deu origem a grande surpreza, pois devido à desclassificação de dois benfiquenses e um sportinguista, o Império alcançou o primeiro pôsto, seguido pelo Sporting, Benfica, Progresso, Internacional, Ateneu, Ginásio e Escola Académica.

O êxito alcançado por esta corrida foi tão apreciável que levou o Comité Olímpico a incluír a prova de corta-mato no programa de jogos do ano seguinte, dando-lhe assim a consagração oficial que nunca mais deixou de manter até à actualidade.

SALAZAR CARREIRA



Um aspecto da classe feminina do professor Niels Bukh num dos seus mais elegantes e difíceis exercícios de conjunto

As impecáveis ginastas dinamarquesas que se exibiram em Lisboa executaram uma lição na qual muitos exercícios, como mostram as nossas gravuras, eram idênticos...

...daqueles que os seus compatriotas apresentaram com a mesma notável correcção, apenas em ritmo e com intensidade diversas

FIM DE FESTA

Bridge

(Solução)

O joga R *c*, e A *c*, que **S** corta com 4.°, se **E** não cortar.

S joga V *o*, que faz se **O** não entrar com D *o*.
S » 3 *e*, fazendo **N** a vasa.
N » R *o*, e 7 *c*, que **S** corta.
S » A *o*, — **N** A *p*.
S » 4 *e*, **N** faz D *e*, e A *e*, e joga R *p*, fazendo **S** o V *p*, e 8 *e*.

Se quando
S joga V *o*, **O** — D *o*, **N** — R *o*.
N » 5 *o*, **S** — 8 *o*.
S » 3 *e*, **N** faz a vasa.
N » 7 *c*, **S** corta e o jogo segue como anteriormente.

Inteligência animal

O dr. Reid Blair, director do Jardim Zoológico de Nova York, tém passado mais de trinta anos da sua vida no meio dos animais.

Sabe que a abelha vê as irradiações dos raios ultra-violetas a que o homem é insensivel; que o cão distingue emanações que para nós não existem; que a língua da serpente é subtil a tal ponto que chega realmente a sentir o gôsto da preza, ainda no ar.

Sabe, também, que todos estes animais possúem a sua vida mental, impossivel ao homem de aprofundar. «Quando vêmos — diz o dr. Blair — um animal mostrando sinais de afecto, de simpatia, de ciúme, de cólera, de complacência, podemos, porventura, duvidar de que êsses sentimentos sejam acompanhados de pensamentos semelhantes aos que o homem experimenta em igualdade da circunstâncias?» Segundo o referido sábio, os animais mais inteligentes, se considerarmos a questão sob o ponto de vista do pensamento, memória, raciocínio, dom de imitação e faculdade de aprender, são: o chimpanzé, o orangotango, o elefante, o gorila, o cão, o castor, o cavalo, o urso e o gato.

As primeiras colecções de animais exóticos que apareceram na Europa foram conduzidas à Itália, pelos sacerdotes de Iside e de Cipeles, egipcíos e gregos.

Depois, começáram a aparecer os domadores de animais ferózes, que apresentavam ao público leões, ursos, serpentes e outros animais domesticados. Já 273 anos antes de Cristo, os romanos tinham admirado quatro elefantes, que o consul Curio Dentato tinha trazido a Pirro, rei do Epiro. Dez anos depois, Metelo fez-se acompanhar em triunfo por 142 elefantes cartagineses, que o Senado mandou matar, por não saber o que lhes havia de fazer: foram mortos a golpes de lança, o que constituíu para os romanos um espectáculo sangrento novo, que foi talvez o início das grandes lutas com féras nos circos romanos.

Origem da palavra «Album»

Era assim que se chamavam os anais em que os Papas inscreviam, dia a dia, os principais acontecimentos do ano. Tinham folhas de madeira branqueadas com alvaiade, em latim *album*.

Daí o nome hoje dado aos livros em branco, destinados a recordações fotográficas ou escritas.

A parte mais funda do Mediterrâneo fica pérto da ilha de Malta. A profundidade chega ali a 4230 metros.

Entre os antigos Deuses existíu também o da zombaria. Desde a época mais remota que os gregos prestavam culto a Momo, Deus da troça e dos bons ditos. Diziam no filho do Sono e da Noite.

O gorila é um adversário mais perigoso para o homem do que o orangotango. Os caçadores da Costa de Africa, são muitas vezes vitímas de gorilas mal feridos que se voltam contra os seus perseguidores.

Ilusão de óptica

De que pé se está servindo êste jogador de futebol?

Do direito ou do esquerdo?...

Vejam os leitores se são capazes de percebê-lo.

Conselhos de amigo

Estima o teu alfaiate sôbre tôdas as coisas. Enche-o de finezas e de delicadezas de palavras. Com respeito ao pagamento de conta atrazada, deixa-te arrastar pelos impulsos do instinto.

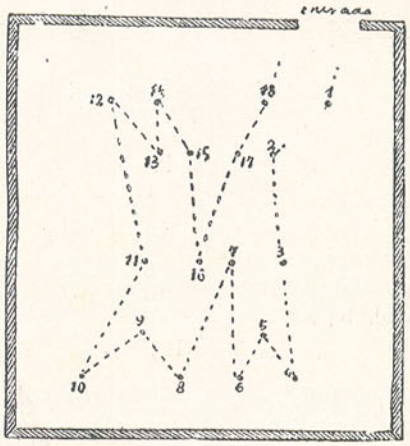
O professor Paine afirma que as pedras, como os homens, os outros animais ou as plantas podem tambem adoecer, isto é, serem atacadas por bacterias que as desagregam. Assim se formaram e se continuam formando muitas terras aráveis.

O inventor do piano foi um italiano, de nome Crisegni. Foi êle o primeiro que, por um sistema de martelos, transformou a velha espinheta no piano moderno. Esta invenção data de 1710.

A última peça que Moliére escreveu foi, em 1673, «*O Doente Imaginário*». Na terceira representação desta comédia é que êle, em cena, foi atacado da doença de que veio a morrer.

Quebra-cabeças

(Solução)



Os sapos

O sapo, mais nocturno que diurno, nenhum prejuízo causa ao homem, antes pelo contrário, lhe presta valiosissimo auxilio, destruindo uma grande quantidade de animais que às diversas culturas causam estragos mais ou menos avultados. Avalia-se em 25 a 30 escudos da nossa moeda o valor dos benefícios que em cada ano o sapo evita que o agricultor perca como resultante dos inimigos das culturas que êle destrói para se alimentar.

E' um animal cuja propagação convém facilitar por uma larga propaganda, fazendo acabar a crença de malefícios que lhe atribuem injustamente, pondo em relêvo a grande soma das suas utilidades no campo e sobretudo, nas hortas e nos jardins.

A pele da rena é tão impenetrável ao frio que, segundo o dr. Richardson, qualquer pessoa que vista um fato feito dela e se cubra com uma manta do mesmo material, póde desafiar o frio rigoroso duma noite de inverno nas regiões polares.

O marido (recebendo um presente da espôsa): — *Chama-se então êste livro «Histórias para todas as ocasiões», hein? Deve ser muito interessante.*

A espôsa: — *Sim, meu querido. Interessante, e útil também. Lembrei-me que talvez aí encontres algumas, novas, que te sirvam para quando vens para casa às 3 horas da madrugada.*

Aos leitores, assinantes e amigos da "ILUSTRAÇÃO"

Suspende, com êste número, a publicação da «ILUSTRAÇÃO». Circunstâncias várias — como o encarecimento das gravuras, 50 % de aumento, o agravamento do preço e a dificuldade de obter o papel couché, que se não fabrica em Portugal, forçaram a Administração desta revista a tomar esta resolução. Reaparecerá quando a anormalidade que o mundo atravessa o permitir.

Entretanto endereçamos a todos os nossos assinantes, anunciantes e colaboradores, o nosso sincero agradecimento pelo auxílio e pelos obséquios que nos dispensaram durante 14 anos decorridos da «ILUSTRAÇÃO».

A Administração

LIVROS DE INGLÊS

DO P.e JÚLIO ALBINO FERREIRA

Adoptados nos liceus e escolas comerciais e industriais

Gramática inglêsa	12$50
Selecta inglesa	15$00
Commercial english	18$00
Can you speak english?	15$00
Método de inglês	15$00
Dic.º inglês-português (grande)	60$50
Dic.º português-inglês (grande)	70$00
Dic.º inglês-português (escolar)	35$00
Dic.º português-inglês (escolar)	40$00
Os dois juntos num vol.	65$00

DO MESMO AUTOR:

Método de francês — 1.º e 2.º vol, cada.... 6$00

Pedidos à **Livraria Bertrand** — Rua Garrett, 73 — **Lisboa, que faz REMESSAS À COBRANÇA para todos os pontos do País de TODOS OS LIVROS DE ESTUDO: PRIMÁRIOS, SECUNDÁRIOS, TÉCNICOS, DE MEDICINA, DIREITO,** etc

INTELIGÊNCIA

Mensário da opinião mundial

E

VIVER!

Mensário da Saúde

São distribuidos em Portugal pela

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

MATCH

O semanário mais completo de actualidades mundiais

Profusamente ilustrado, magnificamente colaborado

Esc. 2$60

Paris-Soir

O jornal de maior reportagem mundial

Muito bem redigido e ilustrado

70 centavos

Marie-Claire

A mais bela, a mais completa, a mais interessante revista semanal feminina

Esc. 3$00

Distribuidores gerais: **LIVRARIA BERTRAND**, Rua Garrett, 73 — LISBOA

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR
QUE NÃO AFECTA
A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

DICIONÁRIO DE AUTORIDADE INCONTESTAVEL
E O MAIS BARATO DE TODOS

O mais moderno dos Dicionários
da Língua Portuguesa para o ensino liceal

Aprovado defenitivamente por despacho de 18
de Outubro de 1938
(«Diário do Govêrno» de 30 de Novembro de 1938)

Dicionário da Língua Portuguesa

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol de 884 págs., magnificamente impresso
e muito bem encadernado em percalina verde,

Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança . . **Esc. 7$50**

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 - LISBOA

DOCES E
COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de **Dr.ª Sára Benoliel** e **Dr. Edmundo Adler**, com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca.**

Um formosíssimo
volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS
DE
JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ... 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

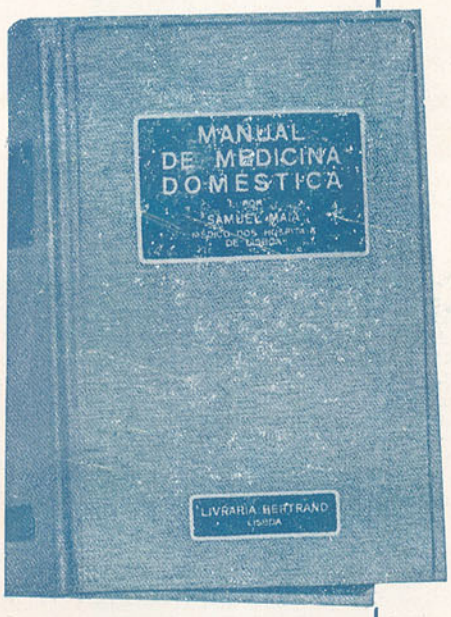
O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a afliçã› e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.



Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

A todos os portugueses, conscientes do amor que devem à sua língua, torna-se indispensável possuir, na sua estante ou na sua mesa de trabalho, o verdadeiro monumento da língua portuguesa, que é o Dicionário de Cândido de Figueiredo.

NOVO DICIONÁRIO

DA

LÍNGUA PORTUGUESA

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

QUINTA EDIÇÃO (Actualizada na grafia e copiosamente ampliada)

O Novo Dicionário, redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dôbro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários portugueses, é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa.

Só nas cinco primeiras letras do alfabeto, esta nova edição regista mais onze mil cento e cinqüenta vocábulos do que a edição anterior

A obra completa constará de 2 grossos volumes no formato de 26×19 com **2.400** páginas aproximadamente, ou sejam **30 tomos,** e estará concluida no proximo ano.

Unicamente dicionário da língua portuguesa

A LIVRARIA BERTRAND, para facilitar a aquisição desta grande obra, faz a sua venda em tomos mensais de 80 páginas, a

Escudos 9$00 cada tômo

garantindo toda a regularidade na publicação dos tomos pois a impressão da obra está muito adiantada, podendo mesmo nalguns meses ser postos à venda dois tomos.

À VENDA O 10.º TÔMO

Pelo correio à cobrança, Esc. 10$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA